

# UNIFICAÇÃO

ÓRGÃO DA  
UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE S. PAULO - USE  
N.º 33-34 — São Paulo — Dezembro-Janeiro de 1956 — ANO III

## Francisco Spinélli

Repercutiu fundamente, no meio espírita do Estado de São Paulo, a notícia da desencarnação do denodado confrade Francisco Spinélli, presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul. Spinélli deixa aqui em nosso meio uma plêiade de amigos sinceros e de grandes admiradores que ele soube muito bem conquistar com inúmeras virtudes que exornam o seu espírito.

Spinélli foi companheiro leal e decidido para todas as lutas em prol da redenção humana, com base nos ideais cristãos agora revividos através do Espiritismo. Com sólido conhecimento da doutrina codificada por Allan Kardec, com os mais profundos conhecimentos evangélicos a acionar-lhe a alma idealista, Spinélli foi bem um exemplo vivo e legítimo daquele "espírita cristão" que Kardec apresentava como o "verdadeiro espírita". Aliando o conhecimento à virtude e ao idealismo, Francisco Spinélli entra no rol dos ilustres espíritas brasileiros que servirão sempre de modelos ideais para os que, de hoje para o futuro, ingressarem nas hostes espíritas com o propósito firme de servirem a Humanidade sob a orientação de Jesus.

Uma das características mais evidentes de Spinélli era o bom senso com que tratava, com seus companheiros de ideal, acerca dos assuntos mais transcendentais relacionados com a Doutrina espírita e com o movimento de unificação dos espíritas. Por isso mesmo sempre foi um elemento indispensável em todos os congressos e movimentos de conjunto levados a efeito em nossa pátria com esses objetivos de mais ampla difusão e compreensão do Espiritismo e de mais profunda e eficiente realização social dos espíritas. Nesse sentido muito lhe fica devendo o movimento espírita brasileiro onde ele deixou, com letras de ouro, o marco indelével de sua passagem.

Honesto para com os seus semelhantes e para consigo mesmo, cômico de seus deveres para com o Criador, para com Jesus, para com os seus correligionários e para com a Doutrina, idealista sincero e consciente de um mundo melhor e alicerçado nos conhecimentos positivos e progressivos da Vontade de Deus e na prática quotidiana do bem, Spinélli, sempre disposto a renunciar em benefício da Causa, impôs-se espontaneamente à admiração e ao respeito do meio espírita brasileiro.

Os nossos confrades gaúchos, que tiveram a felicidade da presença e do convívio direto e dos esforços quotidianos dele, devem sentir agora, mais do que nunca, na sua ausência física, o quanto ele era grande, no bom sentido do termo, o quanto ele era indispensável como elemento de realização e de orientação nos árduos setores a que nos impele a Doutrina espírita. Sua passagem pela presidência da Federação Espírita do Rio Grande do Sul ficou fortemente assinalada por uma série de realizações práticas e por uma orientação segura e lúcida a ser seguida pelos confrades gaúchos em cujos ombros o Alto coloca hoje a responsabilidade do movimento espírita naquele Estado.

Durante o período em que Spinélli esteve como presidente da Federação espírita gaúcha, esta legou ao Brasil, entre outros, dois trabalhos magníficos e do mais alto interesse para todos nós: As "Normas e Instruções" para uso das entidades do quadro federativo, e o "Serviço de evangelização e orientação educacional das gerações

novas; curso intensivo de evangelizadores". Tanto um como outro são trabalhos dignos de serem aceitos e realizados por todo o Brasil espírita; dificilmente se obterá coisa mais bem coordenada, mais clara, mais útil e mais completa; com a confecção deles o Brasil fica com uma grande dívida de gratidão para com o Rio Grande do Sul espírita.

Spinélli lutou e produziu em todos os setores de atividade do movimento espírita, porém, em seus últimos anos de vida, sua atenção se voltou com perseverança invulgar para o movimento de unificação dos espíritas, movimento esse em andamento no Brasil. Como poucos, Spinélli compreendeu a necessidade inadiável desse movimento, e, também como muito poucos, sentiu-lhe os ideais e pôs-se a campo, decidida e esclarecidamente, para a sua realização, para a sua consolidação progressiva. Nesse sentido tomou parte ativa e eficiente no Primeiro Congresso de Unificação Espírita Brasileiro, realizado em São Paulo; na Caravana da Fraternidade que correu o Brasil inteiro difundindo a necessidade e os ideais do movimento, e da qual foi, como representante do Rio Grande e juntamente com a USE, o idealizador nos estudos feitos a respeito da unificação, pelos espíritas de São Paulo e do Paraná e, por fim, no Conselho Federativo Nacional, onde, ainda algumas semanas antes da sua desencarnação, representou, com dignidade e eficiência, os espíritas gaúchos na Reunião dos Presidentes da Federação Espírita Brasileira, proferindo aí o seu último discurso acerca do movimento de unificação, discurso esse que foi bem a síntese da necessidade e dos ideais do referido movimento: o nosso saudoso irmão fechava assim, brilhantemente, a sua atividade terrena.

De agora em diante nós todos, no Brasil inteiro, o teremos ao nosso lado incentivando-nos a prosseguir na tarefa que o Alto nos confiou, esclarecendo-nos, orientando-nos e trazendo-nos, juntamente com os Bezerra, os Caibar, os Baturá e os Lins de Vasconcelos, a palavra de ordem dos altos planos espirituais, e a bênção misericordiosa do Divino Mestre.

Nesse momento em que, com a desencarnação do saudoso Spinélli, se abre enorme lacuna no nosso movimento, os espíritas do Estado de São Paulo saúdam fraternalmente os seus queridos irmãos do Rio Grande do Sul, exortando-os a que prossigam na tarefa com a mesma galhardia, com o mesmo discernimento e com o mesmo idealismo que caracterizaram o seu ilustre e inesquecível presidente, na certeza de que o Rio Grande deverá permanecer sempre como uma das sentinelas avançadas do movimento espírita brasileiro e, em particular, do movimento de unificação dos espíritas do Brasil. São Paulo abraça cordialmente os gaúchos, procurando imitar o bom senso, a coragem, o espírito de renúncia, a perseverança e o idealismo sadio e esclarecido que caracterizaram a personalidade invulgar de Francisco Spinélli.

### NOTA:

Em virtude de o último número de "Unificação" já se achar composto quando recebemos a notícia do falecimento do confrade Francisco Spinélli, não nos foi possível, como alíás o desejávamos, dar uma notícia mais expressiva sobre o falecimento dele.

No entanto o fazemos agora, em artigo de fundo, como justa homenagem ao nosso religioso e orientador.

## A LIÇÃO DO ESQUECIMENTO

ALTIVO FERREIRA

"E, quando alguns vos não receberem, nem vos escutarem, saindo dali, sacudi o pó de vossos pés, em testemunho contra eles" (Marcos, VI, v. 11).

Dizer-se cristão é fácil. Não depende nem de convicção, nem de testemunho. Mas ser cristão, no sentido verdadeiro do termo, é coisa que demanda autodomínio, fé inabalável e espírito de renúncia. Grande parte da humanidade freqüenta os templos onde se prega o Cristianismo e, no recolhimento e respeito que exornam essas casas de oração, parece cintilar a fagulha do Verbo Divino, num crescendo extraordinário de graças que se distribuem perculárias. Todavia, arredada que esteja, do ambiente religioso, essa falsa cristandade como que se esvai na disputa mesquinha das misérias terrenas.

Os indivíduos, mergulhados nas cogitações dos problemas humanos, afastados do meio religioso a que se dizem pertencer, esquecem os princípios de amor e fraternidade ensinados pelo Cristo e se destroem nos torneos da ambição. Nessas horas, nem seus pastores são ouvidos, pois que o Evangelho lhes não pode obstar os planos rasteiros.

Com a consciência dessa atitude das gerações vindouras, Jesus aconselhou a seus apóstolos e futuros pregadores da sua palavra que sacudissem o pó de seus pés, quando mal recebidos em qualquer parte. Equivalia o ensinamento a afirmar-lhes que não guardassem rancor a quantos lhes rissem à socapa, ou lhes negassem acolhida e atenção. Iriam encontrar, nas suas romarias evangélicas, o carinho de alguns, o apódo de outros, a indiferença de quase todos. Aos primeiros, que dessem as bênçãos do seu amor; aos segundos, o benefício da sua tolerância; aos terceiros, a lição do seu esquecimento.

Os apóstolos, cumprindo a sublime tarefa, peregrinaram por inúmeras terras, ensinaram a gentios e iluminaram corações. Sempre, porém, encontrando os percalços de que lhes falara o Mestre e superando-os com o gesto do perdão. Onde gemia a dor, espargiram o bálsamo; onde negrejava a treva, acenderam a Luz; onde pontilhava a dúvida, semearam a

Verdade; onde campeava a descrença, sedimentaram a fé!... Sômente onde habitava a indiferença não puderam construir, nem semear. Mas passaram adiante e continuaram o seu mister!...

Os seus seguidores procuraram seguir-lhe as pegadas. Alguns o conseguiram, tornando-se baluartes do Cristianismo nascente; outros, alheios ao sentido da Palavra Divina, desvirtuaram seu trabalho, deturparam a significação da obra encetada e se tornaram pedra de escândalo. Estes últimos foram os que não souberam afrontar os entraves da pregação com espírito elevado e iluminação interior. Não sacudindo o pó dos pés ante a incompreensão humana, isto é, não esquecendo, acumularam ira em suas consciências e estas, pesando-lhes demasiado, os fez sucumbirem.

Ainda hoje a humanidade sofre desses maus evangelizadores, guias cegos, que foram, a conduzi-la para o abismo. Recebendo-lhes a palavra sem lhes ver o exemplo, habituou-se com o adorar a Deus nos templos, negando-O no santuário da alma; e com o falar em fraternidade, fugindo às práticas do amor.

Ora, com tais lições, é impossível exigir-se do indivíduo que ele pratique o mais difícil dos preceitos cristãos: o esquecimento das ofensas recebidas. Cioso da sua personalidade e escravizado pelo amor-próprio, que lhe domina as atitudes, não consegue perdoar nem esquecer. O seu ânimo é o da desforra; o seu cérebro vibra contra o ofensor e o ambiente em que passa a viver é o do desequilíbrio mental. Esta situação, ampliada para a comunidade inteira, resulta no panorama desolador da vida atual, em que se sobrepõem aos ensinamentos do Cristo as arremetidas do egoísmo.

Para que a harmonia venha a reinar nessa colmeia humana e os homens se entendam como irmãos, necessário se faz que as religiões lhes ensinem outra vez com exemplos e não palavras, os códigos da tolerância e do perdão, contidos neste simples conselho: "E, quando alguns vos não receberem, nem vos escutarem, saindo dali, sacudi o pó de vossos pés em testemunho contra eles".

## NO BEM, HOJE E SEMPRE

Se desejas, efetivamente, colaborar na construção do Reino Divino sobre a Terra, não solenizes o mal para que o bem germine e se estenda ao grande campo da vida.

Sob as pedras da incompreensão, não renuncies ao arado sacrificial da tolerância para que os calhaus da crueldade se convertam em alicerces inamovíveis de tua edificação espiritual.

Não interpretes ninguém por inimigo. Quando os adversários não se fazem nossos instrutores, são enfermos necessitados de carinho e entendimento...

Em toda parte, seremos defrontados por aqueles que realmente não nos conhecem e que, em nós julgando pelas impressões superficiais ou pelos pareceres de oitiva, se transformam em instrumentos de nossa dificuldade ou de nossa dor.

Aparecem, por vêzes, na posição de companheiros que reclamam de nós expressões de heroísmo ou de santidade que eles mesmos ainda não possuem, na forma de censores que nos reprovam a apresentação sem cogitar do móvel de nossos atos, na máscara de sorrisos que ocultam a crítica destruidora ou contundente ou nos gestos calculados dos investigadores, que pretendem converter-nos em cobiças de inferiores observações...

Recebamo-los todo com serenidade e amor, e continuemos a tarefa da boa vontade, na certeza de que o tempo falará por nós, hoje, amanhã e sempre.

Toda a vez que o mal te procure, veste a couraça do bem e ajuda-o a renovar-se em experiência edificante.

Não recalcitres.

Imagina se Jesus tivesse adotado a reação da dignidade ferida. Seu apêlo à justiça teria apagado o esplendor da Boa-Nova, mas o silêncio e o sacrifício do Mestre Divino, ainda hoje, como ontem e como no futuro, garantirá o aprendizado e a redenção da Humanidade inteira.

EMMANUEL

(Mensagem recebida por Francisco Cândido Xavier)

# A REENCARNAÇÃO, O EVANGELHO E O ESPIRITISMO

Luiz MONTEIRO DE BARROS

Em artigo anterior tivemos oportunidade de ressaltar o paralelismo perfeito que existe entre as manifestações espíritas de hoje e as do Cristianismo de há dois mil anos. Essas manifestações constituíram mesmo uma das principais preocupações dos cristãos dos primeiros séculos do Cristianismo de Jesus.

Passemos em revista hoje essa linha mestra do Espiritismo, que é o princípio das reencarnações. Nesse sentido pensamos que o princípio das reencarnações poderia estar bem mais claro nos Evangelhos, pelo menos a ponto tal que não permitissem que as correntes ditas cristãs do Catolicismo e do Protestantismo viessem a se opor a ele, atacando-o até, como fazem.

No entanto é preciso convir em que, se a reencarnação não está tão positivada nos Evangelhos como se encontra no Espiritismo, contudo ela não está assim tão obscuramente ensinada naquele livro a ponto de se tornar um princípio combatido pelos que, em nossos dias, se dizem seguidores do Cristianismo. Se não vejamos.

Pelos próprios lábios de Jesus tivemos a afirmação categórica de que o Elias que havia de vir como precursor do Messias era João, o Batista. Confirmando essa assertiva positiva de Jesus lá encontramos nos Evangelhos que João trazia à sua frente a luz e o espírito de Elias, e temos também a morte do mesmo João, pela decapitação, confirmando que o Elias dos velhos tempos proféticos morria pelo mesmo processo com que, com a sua autoridade antiga, o Elias fizera morrer aquelas centenas de profetas de seu tempo, cumprindo-se, nesse tipo de morte do Batista, aquele ensinamento do Mestre que ensina que com a medida com que medirmos os nossos semelhantes, com essa mesma medida seremos medidos um dia, no dia do resgate cármico de nossos erros espirituais.

Para os discípulos de Jesus não havia dúvida de que João era a reencarnação de

Elias, tanto assim que, ensinando o Mestre, certa vez, que desde os tempos de João Batista até Ele se tomara o reino do céu pela violência, mas que d'Ele em diante o reino do céu seria tomado pela doçura, os discípulos entenderam que Jesus se referia a Elias, isto é, ao tempo em que o João, o Batista, se chamava Elias.

Outra passagem significativa a respeito da reencarnação é a referente à conversação que Jesus teve com Nicodemos, e onde o Mestre afirma: "Em verdade, em verdade vos digo: Se um homem não renascer da água e do espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do espírito é espírito. Não vos admireis do que vos digo: é preciso nascer de novo". A respeito do "nascer da água e nascer do espírito" comenta Kardec, em "O Evangelho segundo o Espiritismo": "Os conhecimentos sobre as ciências físicas eram muito incompletos; acreditavam que a Terra havia saído da água, que julgavam o elemento gerador absoluto; é assim que a Gênese narra: O Espírito de Deus era levado sobre as águas; flutuava à superfície das águas; — seja feito o firmamento no meio das águas; — as águas que estão debaixo do céu se reúnem em um só lugar e o elemento árido aparece; — produzam as águas animais vivos que nadem n'água e pássaros que voam sobre a terra e sob o firmamento. Segundo essa crença eles consideravam a água o símbolo da natureza material, como o espírito era o da natureza inteligente". Com essas expressões Jesus ensinava que a evolução do espírito humano para a integral realização da Vontade de Deus se faz paulatina e progressivamente, fazendo o espírito experiências diretas no plano espiritual, depois da morte do corpo físico, e experiências no plano da crosta, quando encarnados, até que o homem suplante todas as contingências e todas as experiências susceptíveis de serem feitas no plano da encarnação.

A respeito dessas expressões de Jesus dizem os protestantes que o que interessa para entrar no reino de Deus é o renascimento do espírito, o renascimento em espírito, a reforma espiritual, a sublimação espiritual, e não o renascimento na carne, em outro corpo físico, o que não indica reforma espiritual. Não há dúvida que a reforma espiritual é o essencial, mas também é preciso convir em que o renascimento na carne, em meios e condições físicas, intelectuais e sociais diversas, é o melhor e mais seguro caminho para essa reforma espiritual, mormente em se tratando de gente já idosa e mal habituada com os profundíssimos preconceitos religiosos dos judeus daquela época, e da nossa também. O renascimento em outros meios, com orientação diferente desde o berço, é o caminho mais seguro para fazer o espírito humano mudar sua orientação e seus pontos de vista sobre a filosofia da Vida.

Por que é assim, e por que o espírito não evolui sem reencarnações, isso não é da nossa conta, pois foi determinação do Criador. Essa é a lei que constatamos todos os dias e que cada vez mais se firma em suas bases histórica, filosófica e científica, como o demonstraremos mais tarde por essas mesmas colunas. Essa foi, sem dúvida, a lei que Jesus ensinou a Nicodemos, e este a entendeu assim mesmo, apenas, na sua ignorância religiosa, ele não entendeu como se processava a reencarnação, perguntando então a Jesus como pode um homem, depois de velho, tornar a entrar no ventre materno.

Perguntando a Jesus, diante do cego de nascença, se aquele homem havia nascido cego por culpa d'ele ou dos pais d'ele, os discípulos revelaram-se conhecedores positivos do princípio das reencarnações, e ofereceram ao Mestre uma ótima oportunidade para que Ele se rebelasse ou se revelasse contra o princípio das vidas sucessivas, o que

não aconteceu. Em passagem alguma dos Evangelhos se encontra a mínima referência de Jesus contra a reencarnação, embora Ele tivesse tido, para isso, excelentes oportunidades.

Jesus não deixou dúvida alguma acerca da origem espiritual das nossas dores e dos nossos defeitos físicos. Lá estão, nos Evangelhos, ensinando indiretamente a reencarnação, essas expressões: "O que é mais fácil dizer: perdoados estão os teus pecados, ou: levanta-te e caminha?" e essa outra: "Vai e não peques mais para que não te aconteça coisa pior". Em virtude de tais ensinamentos, e considerando que cada um será medido conforme tenha medido os seus semelhantes, como poderemos encarar, diante da filosofia cristã de há dois mil anos, os doentes e defeituosos de nascença senão através do princípio das reencarnações que faz cumprir-se a lei de justiça que dá a cada um segundo as suas obras?

Como se vê pelos textos enumerados, o princípio das reencarnações está, nos Evangelhos, suficientemente claro para ser admitido como verdade ensinada por Jesus. É natural que no Espiritismo ele se encontre muito mais claro, pois trata-se de revelações progressivas, as quais deverão se tornar cada vez mais evidentes e mais positivas e cientificamente demonstráveis. A isso já se referiu Jesus quando, referindo-se à vinda e às finalidades de "O Consolador", ensinou que ele, o Consolador, nos ensinaria aquelas outras verdades que Ele não julgou oportuno ensinar por falta de preparo da Humanidade, e que também nos faria lembrar de tudo o que Ele nos ensinara, e que certamente seria esquecido ou adulterado. O Espiritismo, na qualidade de "O Consolador", está pois realizando sua tarefa, restabelecendo, rememorando e completando os ensinamentos do Cristianismo de há dois mil anos.

## Telepatia e Imortalidade

Adelaide IVONE DE SOUSA

A transmissão do pensamento ou telepatia é considerado o primeiro fenômeno ao qual os nossos órgãos físicos são completamente estranhos.

A telepatia pode produzir-se em estado sonâmbulo, em sonho, ou em sono magnético.

Durante longos séculos os pais da ciência negaram-se a reconhecer o valor da telepatia, se bem que muitos ocultistas a estudassem em segredo e conhecessem esse fenômeno como uma realidade evidenciadora do poder anímico do homem.

No fim do século passado dois grandes professores alemães, o barão Karl du Prel e o Dr. Von Notzing, ousaram estudar a telepatia a sério e proclamar bem alto a sua real existência, após importantes experiências. Quando esses cientistas apresentaram os seus resultados, aliás concretos, os mestres da ciência negaram-se a conceder-lhe a sua douda atenção para se não verem na contingência de terem de reconhecer essas experiências como absolutamente comprovativas da existência dos fenômenos telepáticos.

Desde a mais remota antiguidade que é conhecida a transmissão do pensamento. Registraram-na os místicos e os iluminados ou santos do cristianismo, assim como os indus, e os filósofos ocultistas de Alexandria e da Idade Média, e muitos indivíduos dotados de faculdades supranormais, como os sonâmbulos e os magos.

Numerosíssimos casos poderíamos citar confirmando a autenticidade desse fenômeno. Citarei, por falta de espaço, apenas este:

Uma noite a Srta. X, então noiva do Sr. Y, acordou súbitamente ouvindo o seu noivo chamá-la aflitivamente, e sentindo-o perto

de si, instintivamente estendeu-lhe a mão, mas não vendo ninguém ficou aterrorizada e chamou pela mãe que dormia num quarto próximo.

Soube depois que nessa mesma noite e à mesma hora em que tinha sido despertada por esse apêlo, seu noivo fora preso, e que numa crise de desespero chamara por ela.

\* \* \*

Inúmeras são, portanto, as provas que nos afirmam categoricamente a imortalidade da nossa alma.

Confirmando tudo quanto já citei em meus precedentes artigos sobre esta importantíssima questão, terminarei narrando um fato intimamente meu conhecido, passado em Marrocos em 1919.

A Srta. de S. ao despedir-se do seu noivo, o Sr. Engel, jovem engenheiro francês, diz-lhe:

— Não sei o que sinto hoje, mas tenho a impressão que vai acontecer-me alguma desgraça.

— Talvez seja eu que morra, respondeu-lhe o noivo, que nesse momento gozava de excelente saúde. Se eu morrer não me esqueças. Se casares com outro terei ciúmes, porque talvez ele não te compreenda e porque já te considero como minha.

Ao chegar a casa o moço engenheiro sentiu-se súbitamente indisposto e recolheu ao leito donde não mais se levantou, rapidamente vitimado pela terrível pneumônica que então grassava em todo o mundo. Decorridos alguns anos a noiva casa-se com um fidalgo que, conforme previra o "falecido", não a compreendeu, e a tornou tão infeliz que teve de recorrer ao divórcio. Volvidos porém vinte e um anos (após a

desencarnação), quando pela primeira vez essa senhora assistia a uma sessão de espiritismo experimental, teve a surpresa de receber a confirmação de que o seu primeiro noivo vivia no Mundo Oculto. Fizera-se reconhecer repetindo textualmente a fatal frase premonitória. A referida sessão realizou-se em Lisboa, com médium absolutamente ignorante dos fatos acima referidos.

Perante fatos concretos quem ousará pôr em dúvida a imortalidade da alma humana? Haverá ainda quem acredite que as nossas emoções e atividades mentais morrem todas com o nosso corpo físico? Não! Mil vezes não! A nossa vida perdura eternamente no espaço mantendo intacta a nossa personalidade. No Outro Mundo o Eu subsiste sentindo ainda mais intensamente todas as manifestações da vida. No Além o Ego sofre apenas modificações quanto à evolução que possa adquirir no País da Luz, sua autêntica Pátria.

As mais sensacionais e recentes identificações da personalidade além-túmulo foram feitas em Londres pela grande médium Stella Roberts. As provas foram fornecidas ao Marechal da Aviação Britânica, Sir Ligh Mallory, e referentes à personalidade de seus pais, vítimas de um desastre de aviação em novembro de 1944.

Ésse oficial além da identificação de seus pais recebeu também uma comunicação de seu irmão que desaparecera misteriosamente numa expedição ao Monte Everest.

Conseguimos obter a certeza da imortalidade da nossa alma graças às faculdades de grandes psíquicos, e aos preciosos trabalhos de celebridades mundiais como Allan Kardec, De Rochas, Lombroso, Karl du Prel, Von Notzing, Aksakoff, Crookes, W. James, Delanne, Bozzano, Geley, Richet, Osty, etc.

## Pensamentos Esparsos

*O sacerdócio não pertence a nenhuma casta religiosa e consiste sobretudo na colaboração prestada a pessoas e causas para o equilíbrio geral.*

—)O(—

*O problema do sexo, devendo ser, pela grandiosidade de suas consequências, um fator de elevação espiritual, é, na maioria das vezes, um elemento de inferiorização.*

—)O(—

*Simulação é vício que nunca deve ser assimilado, mas sim, na pior das hipóteses, dissimulado.*

—)O(—

*A solidariedade não está apenas no respeito ao princípio de auxílio ao próximo; está também no saber-se, diante da noite, em não se acusarem as trevas, mas em se aprender a fazer lume.*

—)O(—

*O suicídio, além de ser um desrespeito à condição humana, é quebra dolorosa de compromissos para com os Poderes Divinos.*

—)O(—

*A tagarelice é complexo de vícios. O tagarela ou é um estouvado ou um inconseqüente.*

—)O(—

*O Tempo, o devorador Saturno dos mitólogos, consiste em ir-se e em não volver-se. Mas vivendo nós os seus princípios das cousas boas, podemos enganar a ampuheta, porque o presente é sempre eterno.*

# ESPIRITISMO, COISA DE VIVOS

## FRAUDES

— III —

Carlos IMBASSAHY

Notamos no ilustrado Pastor Alberto Augusto uma falha muito séria, que, até certo ponto, poderia parecer engraçada e é a de que veio ele esclarecer os espíritos em assunto que os espíritas conhecem bem e ele não conhece nada.

Não nos leve a mal. Existe uma ressalva: é que todos os sectaristas procedem assim, embora pensem que estão no certo. Em muitos há que se lhes notar a boa-fé. Cuidam ventilar a matéria, quando apenas defendem idéias particulares e atacam as alheias; subconscientemente vão lançando mão de quaisquer recursos, o de que seriam incapazes em outro terreno que não os de seus princípios enraizados.

Para a temerária empresa a que se lançou o escritor patricio, deveria ele procurar os livros, cujos autores, renomados cientistas, imparciais e honestos, melhor o esclareceriam naquilo que se propôs tratar. Mas, ao contrário, vai às obras suspeitas e, necessariamente, se atrapalha.

Insistir em determinados pontos que já foram esclarecidos, ou desmentidos, ou pulverizados, como se nada houvesse; apresentar tais ou quais fatos cuja falsidade já se apontou, não é de molde a iluminar ninguém, e muito menos os espíritas.

Outra ilusão é tratar os mais complicados casos com muita simplicidade, senão ingenuidade, e resolvê-los com incrível rapidez. Assim nos diz, tratando dos fenômenos:

"Se realmente a produção desses fenômenos fosse coisa de mortos e não de vivos, não se justificariam as dificuldades, porque seria absolutamente natural a manifestação de um espírito para ser fotografado; seria natural a levitação de objetos; seria naturalíssima a materialização desses espíritos. A imensa dificuldade e a quase impossibilidade mesmo que se vê na produção desses feitos demonstra a saciedade que isso é obra de vivos... Se realmente fosse coisa de mortos seria muito mais fácil".

Por quê? E' de espantar como pôde saber disso! Onde poderia descobrir que essa manifestação de mortos devia ser coisa de pequena monta e como chegaria à conclusão de que, tornando-se embaraçosa, é que provém dos vivos?...

Tôda essa química do Espaço é, para o digno crítico, de inigualável singeleza; nada de dificuldades nem segredos na manifestação do Invisível. O que não puderam discernir os maiores sábios do Mundo, o que não descobriram os perquiridores de todos os tempos, sabe-o, com segurança invejável, o nosso amigo: fotografia dos Espíritos, materializações, tudo está claro aos seus olhos; para além da cortina ele percebe tudo como se poderia fazer; sente que as dificuldades e as impossibilidades só seriam coisa de vivos. Lá o modo por que ele conseguiu apanhar isso é o que não sabemos.

Falamos os Espíritos das insuperáveis dificuldades que têm no se manifestarem: planos diferentes, condições diferentes, aspectos diferentes, mundos diferentes; falta de técnica de um e de outro lado; má ambiência espiritual, deficiência de concentração; oposição de pensamentos e até perturbação atmosférica, tudo são empecilhos; empecilhos humanos, espirituais, naturais. As manifestações objetivas requerem uma verdadeira equipe de espíritos competentes e condições que nem tôdas poderemos compreender, e habilidade, e arte, tudo isso no Espaço; na Terra não são menores os óbices, onde, desde a saúde e as disposições do médium até às da assistência, tudo contribui a obstar aos bons trabalhos medianímicos.

Pois o ilustre Pastor, incapaz, como qualquer mortal, de visualizar o que se passa nas forjas do desconhecido, sem perceber nada dessa manipulação transcendental, logo nos afirma não se tratar de mortos, mas de vivos, como se as telas do Infinito não tivessem segredos para ele. E é com absoluta confiança que faz as mais categóricas asserções, parecendo percorrer as sombras do Mistério como um prático de electricidade a mover-se segura, tranqüillamente, por todos os escaninhos de perigosa usina.

Tôda essa complexidade de fluidos, e forças, e emissões, e ambientes e peritos é como se não existissem. Temos o Czar de tôda a Rússia, com o dedo na Carta, apontando aos engenheiros a ferrovia que deveria ligar Moscou a Petersburgo; os acidentes geográficos não lhe importavam: traçou uma linha reta: é como ele queria.

Assim o bom Pastor. Os obstáculos espíritas não se contam; e ele com um dedo riscou do mapa a intervenção dos defuntos. Quer assim.

\* \* \*

Passa o Autor a contar umas fraudes, velho processo que não falha aos críticos do Espiritismo, como se existisse algum ramo da atividade humana que não fosse deturpado, em que não houvesse embustes. E entre os casos fraudulentos vai incluindo os genuínos, como se isto de fenomenologia espírita não passasse de uma trapacaria universal. Temos, pois, inserta, entre burlões e burlonas, a Eusápia Paladino. Vejamos como nos esclarece a respeito:

"A célebre espiritista Eusápia, que assombrou o Mundo com as materializações que produziu, foi surpreendida nas suas mistificações, quando iludia os incautos de Paris".

E sobre Eusápia foi só, "Mistificações que iludiam os incautos de Paris". Meio século de experiências pelos mais notáveis sábios dos dois Continentes é destruído sumariamente em três linhas.

Richet, referindo-se a Eusápia, escreve:

Eusápia coloca suas mãos a cinqüenta centímetros acima de pesada mesa; tem-la, a médium, pelas mãos, pelos pés, pelos joelhos, pelo dorso, pela cabeça, pela boca; a mesa ergue-se, sem contacto...".

E mais:

Eusápia Paladino foi centenas de vêzes estudada, analisada por todos os sábios da Europa: Schiaparelli, Porro, Aksakof, G. Finzi, A. e Fr. Myers, O. Lodge, E. Feilding, Lombroso, A. de Rochas, Ochorowicz, J. Maxwell, A. de Schrenck-Notzing, C. Flammarion, Botázzi, Morsélli, Poá, Sabatier, A. de Watterville, A. de Gramont, Carrington e muitos outros, alternadamente, verificaram a realidade dos movimentos sem contacto e das materializações.

Se no Mundo, como médium, só houvesse Eusápia Paladino, ela só bastaria para que ficassem solidamente estabelecidas a telecinesia e a ectoplasmia". — *Traité de Métapsychique*. Paris, 1923, p. 39.

Morsélli tratou da fenomenologia produzida por Eusápia em dois grossos volumes.

Flammarion descreve num volume inteiro de sua obra *Les Forces Naturelles Inconnues*, sob o título *Mes expériences avec Eusapia*, os fenômenos observados, com a rigorosa fiscalização exercida. Sua mulher chegou a esconder-se numa das sessões e verificou como se produzia o fenômeno, sem nenhuma participação humana.

Entre centenas de casos surpreendentes, refere o Autor que, finda uma sessão, sem que tivessem ainda desamarrado a médium, eis que um "guéridon" avança lentamente para Eusápia, sempre sentada e ligada.

Ao aspecto desse fenômeno estranho, inesperado, em plena luz, houve uma estupefação, um assombro geral — *ce fut une stupeur, un ébahissement général*. Blanchi e o sobrinho de Lombroso precipitam-se a ver se havia alguém oculto atrás das cortinas. Foi sem limite o espanto de ambos, vendo que não existia ninguém e que, sob seus olhos, a mesa continuava a deslizar sobre o assoalho, sempre na direção da médium. (*Obr. cit.* 1. 1921, pág. 202).

Foram tantos os livros escritos durante o longo curso das experiências que seformou uma bibliografia com o nome de *Bibliografia Paladimiana*.

Todos esses autores, tôda essa gente, pelo visto, deve estar enlatada e entalada entre os incautos de Paris, que a Eusápia iludia.

Havia para os neófitos e pouco práticos na matéria, sintomas que os faziam desconfiar, como os célebres fios fluidicos, que eles tomavam por fios materiais, os movimentos automáticos, as sugestões, as contorsões e tudo o mais que uma longa experiência demonstrou ser intrínseco ao fenômeno.

Para que se dirimissem as dúvidas e fosse lançada a última palavra, a temível Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres enviou, finalmente, uma comissão de cérebros, de que faziam parte Carrington, Fielding e Baggaley, célebres como prestidigitadores, descobridores de fraudes, conhecedores do assunto e honestos.

E os três peritos, depois de minucioso exame, a que a médium se submeteu da melhor vontade, declara que os fenômenos eram autênticos e que impossível seria a fraude com os processos de investigação que adotaram.

Tudo se encontra devida e minuciosamente relatado nos *Proceedings* de Londres. Pois tudo desaparece, rápida, instantânea, mirificamente, diante das três linhas, onde se declara que a dona foi surpreendida quando iludia os incautos em Paris.

\* \* \*

Para consolar os sábios da pecha de idiotas, apresenta-os como criaturas honestas e por isso não aparelhadas para descobrir a trapaga. Provavelmente, essa honestidade que lhes punha uma venda nos olhos, quando experimentavam, estendeu-se também aos prestidigitadores, aos convidados às sessões, às testemunhas não-sábias, aos que ali iam com o propósito de desmascarar os patifes, aos investigadores, sem já falar nas máquinas fotográficas, nas máquinas elétricas, nas correntes elétricas, nas balanças, nos termômetros, nos raios infravermelhos, nos filmes, ou ainda no biômetro, no dinamistógrafo, no magnetômetro, no estenômetro, no sensitivômetro e por aí além.

Verifica-se, ainda pelo dito, que todos aqueles que viviam alvitrandos processos e aparelhos por apanhar a fraude, como Richet, Crookes, Varley, Schrenck Notzing, Osty, Ochorowicz não deviam ser lá muito honestos. E foram também ludibriados! Mas nem esses "desonestos" merecerão fé?...

No terreno do Psiquismo dão-se fatos curiosíssimos. Vejam este: de um lado, todos os fraudulentos: são os médiuns. Do outro lado, todos os honestos, enganados por aqueles: são os experimentadores. Honestos de um lado, fraudulentos do outro. Honestidade passou a ser sinônimo de parvoíce. Resultado: essa grossa mistificação que obrigou o nosso pastor amigo a vir ao prelo com o *Espiritismo, coisa de vivos e não de mortos*.

## O Sêlo da USE

ONDE HOUVER UM ESPÍRITA DEVOTADO A GRANDE CAUSA DA UNIFICAÇÃO, DENTRO DO ESTADO BANDEIRANTE, PARA AÍ DEVERÁ SER LEVADA A CAMPANHA PELO SÊLO DA USE. CADA ESPÍRITA PAULISTA DEVERÁ ADQUIRIR UM SÊLO MENSALMENTE, COMO TRIBUTO PESSOAL AO MOVIMENTO DE UNIFICAÇÃO DA FAMÍLIA ESPÍRITA.

## INGLATERRA

## O FALECIMENTO DE UM FILHO DE SIR A. C. DOYLE

Faleceu há poucos meses o Sr. Denis Conan Doyle, o filho mais moço de Sir Arthur Conan Doyle, o grande espiritista e criador do imortal Sherlock Holmes.

O filho desapareceu do palco terreno aos 43 anos de idade.

Adrian Conan Doyle, outro filho do famoso escritor, escreveu um livrinho: *The True Conan Doyle* (O verdadeiro Conan Doyle), editado em Londres, em 1945, e reeditado em Nova Iorque, em 1946, pela Casa Coward-Cc Cann, Inc., do qual possuímos um exemplar. É um livrinho interessante, com fotografias familiares, parte escrito como tributo de amor filial, parte como protesto contra os biógrafos que, sem a necessária documentação e conhecimento da sua vida, escrevem sobre o conhecido escritor.

Já teria Conan Doyle (pai), espírito convicto, dado alguma comunicação? Os escritores famosos, que deixam este plano, raramente, se considerarmos o número deles, dão comunicações. Constituem minoria os que voltam, pelo menos com os próprios nomes, para trazer-nos, por qualquer via mediúnica, as suas luzes.

Mas Conan Doyle já deu várias comunicações, algumas das quais, segundo informações que apanhamos em Ernesto Bozzano, estão publicadas no livro do Sr. Ivan Cook: *Thy Kingdom Come*.

O filho recentemente desencarnado recebera avisos e conselhos do pai, que lhe evitaram dissabores domésticos e acidentes de trânsito.

## FRANÇA

## FOTOGRAFIA DE OBJETOS VOLANTES

— “Com este título, deu-nos o *Psychic News* a seguinte notícia:

“Um fotógrafo francês declarou ter feito uma fotografia no momento próprio em que os objetos estavam a ser atraídos pelo ar.

Chamado para investigar uma manifestação fenomênica, na pequena aldeia de S. Jean de Mauricenne, na fronteira franco-italiana, Gerard Lestienne, fotógrafo do *Samedi Soir*, averiguou se havia sinais de trapaça ou de brincadeira.

Numa pobre casita ocupada por família italiana de apelido Costa, onde as manifestações se passaram, Lestienne e o jornalista Michel Agellet, tiraram toda a gente da casa assombrada e examinaram cuidadosamente todas as peças do mobiliário e utensílios de cozinha.

Como nada encontrassem, Lestienne preparou a sua máquina fotográfica e dispuseram-se para longa vigília.

As únicas pessoas que ficaram no quarto foram Teresa Costa, de 24 anos, com o bebé ao colo, e um aldeão que estava sentado num canto e não se movia.

Depois de hora e meia de espera ouviram bater e Lestienne disparou instintivamente a máquina fotográfica. A fotografia obtida se encontra nesta edição do *Psychic News*: uma caçorola e a tampa, uma tesoura e o telégrafo que se vêem rodopiando no ar.

Mais tarde conseguiu outras fotografias notáveis do fenómeno.

Não podemos explicar o que vimos — declararam os dois jornalistas. Só podemos voltar ao assunto com as fotografias que tiramos e garantimos que ninguém teve intervenção no assunto.”

Com estas e muitas outras provas, admiramo-nos de ainda haver pessoas que não se convertem ao Espiritismo. Lêm notícias desse género, mais a título de curiosidade ou distração, do que apreciando os ensinamentos que elas encerram.

Sinal dos tempos... “(De “Estudos Psíquicos”, Lisboa, Portugal, nos 11-12, pág. 364).

Sim, sinal dos tempos; ainda veremos outros sinais, que farão os crentes arregalarem os olhos... de descrença.

## PARIS

## O FALECIMENTO DE HENRI REGNAULT

Faleceu em Paris, a 31 de setembro de 1955, o sr. Henri Regnault, ardoroso jornalista, romancista e escritor espírita francês.

Era Vice-Presidente da *Union Spirite Française* e um dos fundadores da revista “*Surviv*”, órgão daquela União.

Hábil polemista, Regnault enfrentou o célebre padre Th. Mainage, uma espécie

## PELO MUNDO

de Frei Boaventura Kloppenburg, que tem feito os nossos amigos Drs. Carlos Imbassay e Mário Cavalcanti de Melo suarem em bicas...

O padre Th. Mainage, professor no *Institut Catholique de Paris*, pertencente à *Ordre des Frères Prêcheurs*, atacava de rijo o Espiritismo, sobretudo através das suas conferências, muito concorridas. Mas não se adstringiu às conferências e aos sermões: escreveu um livro, *La Religion Spirite*, publicado em 1921, com 188 páginas, que já se tornou clássico como libelo contra a Doutrina dos Espíritos.

Henri Regnault foi um dos primeiros a sair a campo para apurar os golpes do dominicano. Não se limitou porém às conferências públicas; escreveu também uma brochura de 54 páginas, *La Réalité Spirite*, com uma carta-prefácio de Gabriel Delanne, publicada em 1921 e logo depois a obra *Les Vivants et les Morts* (*Réalité des Communications Spirituelles*), com 442 páginas de texto, publicada em 1922.

São dois estudos importantes que os espíritas em geral e em particular os polemistas precisam conhecer para enriquecerem o seu cabedal de argumentações e objeções.

Afora algumas obras de que possivelmente não tenhamos conhecimento, escrevemos as seguintes:

1. Le bonheur existe (em colaboração com o Sr. L. Baffert).
2. Seul le Spiritisme peut réover le monde.
3. La réalité Spirite (prefácio de Gabriel Delanne).
4. La Médiumnité à l'incarnation.
5. Les Vivants et les Morts (com ilustrações).
6. Tu revivras (com prefácio de Edouard Schuré).
7. La mort n'est pas (com prefácio de Paul Bodier).
8. Biographie de Gabriel Delanne (em colaboração com Paul Bodier).
9. Léon Denis et l'expérience spirite.
10. France d'abord.
11. Le chantage sentimental, romance (prefácio de Berthe Dangennes).
12. Le reflet des filets bleus, romance.
13. Le secret du bonheur parfait (com ilustrações).
14. Preuves de la réalité spirite.
15. Comment faire tourner les tables.

## BRASIL

SÃO PAULO

## SOUSA RIBEIRO

Desencarnou o dia 18 de janeiro, em Campinas, onde residia há longos anos, o nosso ilustre confrade Dr. Joaquim Sousa Ribeiro.

Foi ele, que era dentista e médico, um dos ornamentos sociais da culta cidade de Campinas.

Espírita convicto, de inteligência e caráter, possuía profundos conhecimentos da Doutrina, por cuja difusão batalhou valorosamente pela pena e pela tribuna. Polemista temeroso, dava-se ao cultivo das letras e poetava nas horas de lazer.

Deixou, afora alguns folhetos avulsos, uma única obra publicada: *O caso da estigmatizada de Campinas*, com 131 páginas, publicada em 1930, excelente trabalho sobre o assunto.

A família do valoroso confrade apresentamos os nossos sentimentos de fraternidade.

## O ELEFANTE DE PIOLIM

O jornal “*Última Hora*”, de 22 de dezembro, trouxe uma interessante reportagem sobre o Sr. Abelardo Pinto, que o Brasil inteiro conhece com o apelido de “*Piolim*”, esse grande artista que, há 45 anos, vem divertindo as platéias circenses.

Entre as cousas curiosas de sua vida, relata um fato que presenciou com um elefante, para o qual — confessou ele ao repórter — ainda não encontrou explicação. “Mas leiamos a reportagem de que nos interessa:

“Foi na cidade mineira de Alfenas, logo nos primeiros anos de sua carreira, que assistiu a um fato para o qual ainda não encontrou explicação, pelo que há em si de humano, comovente e estranho.

Naquela época adquirira variada coleção de animais selvagens, leões, tigres, elefantes, que causavam, como ainda hoje, grande curiosidade popular. Justamente um desses animais lhe deu motivo a um espetáculo extra e inédito: o elefante. Esse animal, que consumia diariamente um caminhão de cana, numa das representações estava se alimentando quando dele se aproximou uma criança. O garoto buscava por todos os meios um pedaço de cana, sem o conseguir, ante os olhares estarelecidos da multidão. Todos ficaram como que petrificados: ninguém ousava aproximar-se, aguardando de um momento para outro que a criança sucumbisse esmagada sob as patas do brutamonte.

Foi nesse instante que aconteceu o imprevisto: o elefante apanhou a criança e a colocou dentro do balde onde se achavam os rolos de cana. E ficou olhando, como a dizer:

— Pode servir-se... a comida chega para dois!

Daquela maneira em diante o elefante passou a ser distinguido diariamente com mais um caminhão de cana, que lhe era enviado pela Prefeitura local; a criança que o animal tratara tão gentilmente... era um filho do prefeito!”

Esse o relato, cuja explicação é esta: os animais têm alma, Sr. Abelardo Pinto! Por que não? A razão, o bom senso, os fatos, a lógica, a observação, provam-no sem dúvida. Têm alma, dão demonstração de inteligência, compreensão, bondade, revolta, sobrevivem à morte do corpo e materializam-se mesmo em sessões mediúnicas. Que podemos dizer-lhe sobre o assunto, quando nos lembramos que Ernesto Bozzano escreveu 262 páginas (“*Gli animali hanno un anima?*”, edição de 1950), para mostrar que eles, os animais, têm alma? Quando nos lembramos que, entre nós, o Dr. Alberto Seabra escreveu “*Animais que pensam?*”, S. Paulo, 1918, com 188 páginas?”

Nunca ouviu falar dos célebres cavalos de Elberfeld, que mereceram, afora outros, um longo estudo de Maurice Maeterlinck, em “*L'hôte inconnu?*”? Eles eram até matemáticos, Sr. Piolim! A turma cética fala em “instinto”, maneira fácil de se resolverem problemas complexos. E, aqui no Brasil, o burro Canário, que apatetou meio-mundo com as suas burrices... inteligentes?

A bibliografia é enorme e os casos de

## LODGE E A SOBREVIVÊNCIA

(CONCLUSÃO)

Eis, tanto quanto pudemos apurar, a sua rica bibliografia:

1. The Modern Views of Electricity.
2. Life and Matter.
3. Pioneers of Science.
4. School Teaching and School Reform.
5. Essay Mathematics, Arithmetic, etc.
6. Elementary Mechanics.
7. Signalling without Wires Through Space.
8. Modern Views on Matter.
9. The Substance of Faith, allied with Science.
10. Electrons.
11. Atoms and Rays.
12. The Ether of Space.
13. Reason and Belief, 1911.
14. Man and the Universe: A Study of the Influence of the Advance in Scientific Knowledge upon our understanding of Christianity.
15. Phantom Walls.
16. The Survival of Man — A Study in unrecognized Human Faculty, 1909.
17. Raymond, or Life and Death, 1915.
18. The War and After, 1915.
19. Christopher: a Study in Human Personality, 1918.
20. The Making of the Man, 1924.
21. Ether and Reality, 1925.
22. Relativity, 1925.
23. Talk about wireless, 1925.
24. Science and Human Progress, 1927.
25. Modern Scientific Ideas, 1927.
26. Why I believe in Personal Immortality, 1929.
27. The reality of a Spiritual World, 1930.
28. Beyond Physics, 1931.
29. Past Years, 1931.
30. My Philosophy, containing final views on the Ether of Space.

Confessamos, a nosso pesar, para evitarmos críticas menos justas, que nos foi difícil organizar a presente lista das obras lodgianas. Não sabemos até se ela está completa ou exata. É possível que não esteja nem uma cousa nem outra. As fontes (livros, revistas e catálogos estrangeiros), onde bebemos os infor-

manifestação de inteligência em animais são incontáveis. Citamos-lhe apenas esses três autores para que o Sr., se lhe aprouver, possa orientar-se no assunto.

Mas voltemos a casos... elefantéticos, salvo seja.

O nosso Dr. Carlos Imbassay escreve em “*A Evolução*” (obra cuja leitura insistentemente lhe recomendamos, publicada agora em 1955, aqui em São Paulo), página 66, relativamente à inteligência de animais:

“Sab-se daquele elefante que costumava receber guloseimas dos que passavam. Para isso ele estendia a tromba e os visitantes lhe davam as suas ofertas. Um dia, porém, um galato, em vez da costumeira dádiva, espetou-o com uma alfineteada. E lá se foi a rir com os outros companheiros. Quando voltava, descuidado, sentiu que tomava um banho de lama. E' que o elefante sugara a água de uma poça próxima e o esperara para derramá-la em sua cabeça.

Um caso oposto. Outro elefante costumava receber de uma vendedora aquilo que ela trazia em seu tabuleiro. Essa vendedora tinha sempre a filhinha consigo. Certa vez, o paquiderme, tomado de pânico, por um motivo qualquer, saiu em vertiginosa carreira pelo caminho em que se achava a rapariga com o seu pequeno. Esta, apavorada, abandonou o tabuleiro e a criança, e deitou a correr, desatinada. De repente, lembrou-se da filha, que ficara à passagem do animal. Não havia mais tempo de socorrê-la; estava ela quase louca de desespero, quando viu o elefante parar, tirar a criança com todo o cuidado do caminho e sair de novo em grande disparada.”

Eusèbe Salverty, no I tomo de “*Des Sciences Occultes ou essai sur la Magie, les prodiges et les miracles*”, pág. 357, edição de 1829, diz, citando um autor latino, que o “encanto da música consola os elefantes que caem no poder do homem”; na domesticidade, acrescenta, é ela o bastante para fazê-lo executar movimentos certos e cadenciados.

Então, Sr. Piolim? Estude o Espiritismo e encontrará a explicação para muita dúvida que hoje o confunde e talvez o atormenta.

Na escala ontológica dos séres há cousas que nem sequer podemos imaginar.

Ensinava Camille Flammarion, grande astrônomo: “É preciso não ser crédulo nem incrédulo, estudar sem prevenções, ser, antes de tudo, livre e independente. É muito natural que as corporações oficiais sejam conservadoras. O essencial ao progresso das idéias é não se deixar circunscrever e recusar, por clássica cegueira, a evidência dos fatos”.

mes, além de serem deficientes, não são concordes. A própria data do seu nascimento é diferentemente apresentada. *La Revue Spirite*, por exemplo, lhe dá a de 17 de junho. Optamos pela concordância da maioria.

\* \* \*

Em língua portuguesa existem apenas, segundo cremos, por mais incrível que isto pareça:

1) “*A Formação do Homem*”, que julgamos ser tradução de *The Making of Man*, feita pelo Sr. W. Campelo, edição da Casa Editora “*O Clarim*”, Matão, 1938.

2) “*Raymond*”, tradução de Monteiro Lobato, edição da Sociedade Metapsíquica de S. Paulo, 1939.

Quando virão outros tradutores para Lodge? E' um crime que se está cometendo o deixá-lo intraduzido. Oliver Joseph Lodge não pode continuar a ser ignorado da massa leitora e estudiosa dos assuntos supranaturais, seja espírita ou não.

(1) Revista de Metapsicologia, ano I, n.º 2, pág. 45.

(2) La Revue Spirite, número de agosto de 1951, pág. 158.

(3) Gastone De Bóni, Metapsichica, Scienza dell'anima, pág. 19, ed. de 1946.

(4) Oliver Lodge, Barriere illusorie fra Materia e Spirito, tradução de Dona Lisa Sarafati Scopoli, ed. de 1936.

(5) Oliver Lodge, Vie et Matière, tradução de J. Maxwell.

## Conselho Federativo Nacional

SÚMULA DA ATA DA REUNIÃO ORDINÁRIA REALIZADA EM 7 DE JANEIRO DE 1956

Aberta a reunião, à hora regimental, faz o Presidente a prece inicial e manda ler a Ata da reunião de 3 de dezembro de 1955, que é aprovada. No expediente é lido o ofício da Federação Espírita do Rio Grande do Sul apresentando uma consulta. Examinado o assunto, o Conselho manifesta sua inteira concordância com o ponto de vista da Federação Gaúcha e vota, por unanimidade, a declaração seguinte: — "O Conselho Federativo Nacional, tendo em vista a conveniência de ser mantida a unidade direcional do Espiritismo no Brasil, esclarece que todo e qualquer movimento espírita, de âmbito nacional, deverá ser de sua iniciativa ou aprovação, a fim de que não se verifique solução de continuidade no desempenho de suas atribuições". Aprovou o Conselho o programa para a comemoração do Centenário da Codificação, o qual voltou à Comissão apenas para ligeiras alterações.

**SANTA CATARINA** — O Conselheiro Manuel Bernardino lê carta do presidente da Federação Catarinense, renovando o mandato do representante no Conselho e comunicando a filiação à F. E. C. de mais seis sociedades espíritas.

**RIO DE JANEIRO** — O Major Luis Gentil anuncia a inauguração, em Niterói, do Lar "HUMAITÁ"; o início de obras para um Ambulatório e um Albergue, no Centro Espírita João Batista, em Petrópolis, e ainda outras atividades do Estado.

**RIO GRANDE DO SUL** — O Conselheiro Francisco Thiesen comunica haver sido modificado o Estatuto da Federação Gaúcha e comenta o êxito da Feira do Livro Espírita, realizada em Pôrto Alegre, sendo vendidos 1.948 livros e atendidas 1.181 pessoas.

**SERGIPE** — O Conselheiro Atlas de Castro dá conta da representação do Conselho, em Aracaju, na comemoração do Centenário da fundação dessa cidade, afirmando o êxito da Federação Sergipana no programa executado, com assistência notável e apoio e presença das Autoridades Estaduais.

Feita a prece pelo representante da Paraíba, encerrou o Presidente a reunião, às dezesseis horas e trinta minutos.

## USE

### CONCENTRAÇÃO:

Em 8-1-1956, realizou-se a *Concentração Regional Espírita em Araraquara*, tendo, conforme comunicação recebida da UME local, reunido elevado número de espíritas da região, redundando em oportunidade para que os mesmos pudessem num ambiente de fraternidade e compreensão, dizer de suas aspirações, realizações pretendidas e estabelecer planos conjuntos para a inadiável Unificação dos Espíritas.

A USE se fez representar nas solenidades pelo Dr. Wilson Ferreira de Mello, membro da Diretoria Executiva, o qual fez uma explanação do que é a USE, seus objetivos e funcionamento, fazendo, ainda, sentir a necessidade imediata de todos os adeptos da Terceira Revelação cerrarem fileiras sob a bandeira da Unificação.

Em 11-12-1955, realizou-se a *Concentração Regional Espírita programada para a 14.ª região*, realizada na cidade de Bebedouro. A USE foi representada nas solenidades pelos membros da D. E., confrades Carlos Jordão da Silva e Paulo Toledo Machado, os quais, em companhia dos responsáveis pela direção do Espiritismo local, realizaram uma mesa redonda onde foi feita uma explicação do que é a USE, suas finalidades e funcionamento, traçados planos para a gradativa Unificação dos Espíritas e, mais tarde, realizada uma palestra doutrinária.

As solenidades puderam contar com a presença de grande número de obreiros numa demonstração de compreensão, de fraternidade e congraçamento.

Está programada para o dia 11-3-1956, a *Concentração Regional Espírita da 6.ª Região, Avaré*.

## CENTENÁRIO DA CODIFICAÇÃO DO ESPIRITISMO

A USE, por sua circular n.º 8, vem pedindo às UMEs, C.R.Es, e conselheiros solicitarem e enviarem à Diretoria Executiva, até o dia 25 de fevereiro do ano corrente, elementos informativos, tais como data de fundação, constituição da atual diretoria, setor em que prestam assistência, fotografias, etc., de todas as obras de benemerência fundadas e mantidas por espíritas, no Estado, a fim de, tornando-as mais conhecidas, facultar ao público espírita e mesmo o leigo, por ocasião das solenidades comemorativas do *Centenário da Codificação do Espiritismo*, o ensejo de saberem da existência de todas as realizações levadas a efeito pelos profíctos da nossa Consoladora Doutrina.

### SITUAÇÃO DOS CENTROS ADESOS

Por circular n.º 9 dirigida aos membros do Conselho Deliberativo Estadual e membros das UMEs, a USE vem solicitando que os mesmos verifiquem e informem sobre a situação moral, doutrinária, jurídica e higiênica de todos os centros adesos.

## MOCIDADE

**1.ª Concentração em Penápolis** — Conforme foi anunciado, realizou-se de 5 a 8 de janeiro em Penápolis, a 1.ª Concentração de Mocidade da Noroeste, que contou com representantes da USE e das seguintes Mocidades: de Penápolis, Bauru, Aracatuba, Andradina, Promissão, Avanhandava, Marília e Guararapes. A reunião atingiu o seu objetivo, que foi o da confraternização da família espírita e propagação da Doutrina. O Conselho Diretor organizou um programa para os 4 dias de reunião, o qual constou de: Torneio sobre pontos da Doutrina, Leitura e debate das teses classificadas, Visita às obras do Hospital Espírita local, em construção, Passeio ao Salto do Avanhandava, e, à noite, palestras na estação da rádio local.

No Centro Espírita da Av. Luís Osório foram realizadas as reuniões plenárias, havendo, à noite, números de arte e palestras por oradores convidados, entre eles, Campos Vergal, Deputado, José S. Cardoso, de Rib. Preto, Maria A. Santos, de Amparo. No domingo realizou-se a aprovação do Regulamento das próximas Concentrações, e escolha da cidade-sede da II Concentração. A USE esteve representada pelos srs. Sálvio Costa, do 12.º C. R. E. e Cícero Pimentel, do Dep. de Mocidades, cabendo a presidência das reuniões ao sr. Girofel Orestes, que apesar de cego, conseguiu orientar mais uma reunião regional de aproximação dos espíritas. Nossos parabéns ao Conselho Diretor e aos espíritas de Penápolis, que gentilmente hospedaram os caravaneiros.

**Novas Diretorias** — Elegeram as diretorias para 1956 as seguintes Mocidades: de S. André (em nova fase de atividades), Andradina, UJELAN, e "3 de Outubro", da Capital, cuja comunicação agradecemos.

**IX Concentração de Mocidades, em Uberaba** — Como tem sido amplamente anunciado, realizar-se-á nos dias 28 a 31 de março próximo, essa grande reunião interestadual, que abrangerá Goiás, Minas, S. Paulo e M. Grosso. O concurso para Peças Teatrais foi objeto de regulamentação, devendo o drama ou a comédia, até 3 atos, ser entregue até o dia 31 de janeiro. Informações detalhadas para a C. Postal, 92 — Uberaba, Minas.

**MOCIDADES BANDEIRANTES** — COLABOREM PARA O ÊXITO DA IX CONCENTRAÇÃO QUE É ATUALMENTE O MAIS BEM ORGANIZADO MOVIMENTO DE UNIÃO DOS ESPÍRITAS E DE PROPAGANDA SÁDIA DO ESPIRITISMO NO BRASIL E QUE TEM APOIO DA USE.

## VARIAÇÕES SOBRE O ESPERANTO

MÁRIO RODRIGUES MONTEIRO

Há aproximadamente meio século, no salão nobre do paço municipal da cidade francesa de Boulogne-sur-Mer, especialmente cedido pela Prefeitura, reunia-se um extraordinário congresso, absolutamente sem paralelo nos conclave internacionais que o mundo tinha até então presenciado. Acorriam àquele recinto homens de raças, religiões, procedências e costumes os mais dispares: Nórdicos louros e de olhos azuis; homens mediterrâneos, trigueiros e de cabelos negros; chineses sorridentes e mesuráveis; altos africanos cor de ébano; ianques loquazes e barulhentos; latino-americanos de tez mate e impecável correção no trajear.

Tratar-se-ia de alguma reunião de graves cientistas, de melífluos diplomatas, de médios comerciantes ou esbeltos literatos? Não, pois faltava-lhe um elemento imprescindível em todos os congressos internacionais comuns: o **INTÉRPRETE!**

De fato, quem tivesse entrado no salão nobre da Prefeitura de Boulogne minutos antes do início dos trabalhos congressionais, teria podido observar, com prodigiosa surpresa decerto, que escandinavos, súditos do então Império Celeste, homens do meio-dia europeu, africanos e americanos do norte e do sul — todos, enfim, se falavam e compreendiam numa só e mesma língua, acontecimento inédito nos anais do planeta desde os lendários dias da famigerada Torre de Babel!

Mas eis que os acordos dum hino também novo, "La Espero", começavam a propagar-se na atmosfera internacional daquele recanto acolhedor da terra francesa, enquanto que as vozes de todos os presentes se fundiam nos seus primeiros e significativos versos:

"Proclamando um novo sentimento,  
"Pelo mundo vibra forte voz.  
"Dispersada por propício vento  
"Faça-se ela ouvir por todos nós.

Quando as últimas sonoridades da música, das palavras se dissiparam, perdendo-se lá fora, na atmosfera tópicada daquele dia de verão gaulês, no silêncio cheio de respeito que então reinou no grande recinto, levantou-se um homem de fronte ampla, óculos austeros, e um misto de autoridade, de nobreza e de bondade, num rosto em que era fácil adivinhar a predestinação.

E, ante aquele auditório que se esforçava por conter a respiração, para tornar ainda mais enfático o grande silêncio, o homem que acabava de levantar-se assim falou:

"Eu vos saúdo, caros co-idealistas, irmãos da grande família humana, que aqui vos reunis, vindos dos mais diversos recantos do globo para vos apertardes fraternalmente as mãos em nome da grande idéia que a todos nos une.

"Santo é para nós o dia de hoje! E' modesta a nossa reunião; o mundo exterior pouco sabe a respeito dela, e as palavras que preferimos não as levará o telégrafo a todas as partes do mundo. Não se reúnem aqui reis nem ministros para modificar o mapa político do mundo, nem troam grandes canhões em redor da casa em que nos encontramos. Porém, no ar que aqui respiramos ecom misteriosos sons, sons muito brandos, imperceptíveis para o ouvido, mas sensíveis para toda alma sensível: São eles as imagens de um tempo futuro, inteiramente novo. Esses sons, quase irreais, de tão tênues, voarão pelo mundo fora, corporificar-se-ão, tornar-se-ão poderosos, e nossos filhos, e nossos netos os perceberão, compreendê-los-ão e deleitar-se-ão.

"Depois de milhares de anos de total incompreensão, inicia-se agora este movimento renovador, de geral entendimento, esta marcha rumo à confraternização de todos os povos; e, uma vez iniciado, o nosso movimento nunca mais estacionará, irá avante, para a frente, sempre mais e mais pujante."

O homem que assim se exprimia era o Dr. Luis Lázaro Zamenhof, insigne filólogo polonês, que vinte anos antes publicara a primeira gramática da língua internacional auxiliar Esperanto.

Zamenhof, alma de refinadíssima sensibilidade, muito sofrera, desde os mais verdes anos, com a animosidade que separa os homens. Quis, desde sempre, proporcionar-lhes um instrumento de fácil manejo para que se pudessem entender e reciprocamente apreciar. Pensou, para isso, em criar uma língua internacional. E' claro que, antes de iniciar tão árdua tarefa, Zamenhof pensou na possibilidade de se adotar uma língua nacional nas relações entre homens e países. Mas logo pôs de lado essa possibilidade por muitas e fortes razões, entre as quais imperaram as seguintes:

- A dificuldade das línguas nacionais, que torna sua aprendizagem generalizada impraticável, e inacessível, a não ser às classes mais cultas.
- Os invencíveis preconceitos que, por exemplo, nunca permitiriam ao alemão aceitar a adoção do francês, ao francês concordar com a do inglês, ao inglês com a do russo, do espanhol ou do chinês!

O que mais assustava Zamenhof era, porém, a possibilidade de ter de compilar espessos dicionários e pesadas, áridas gramáticas. Lembrou-se, entretanto, depois de longas cogitações, que o que constitui a grande dificuldade das línguas nacionais em uso é, sobretudo, o grande número de exceções que cada regra enunciada comporta; a quantidade de conjugações; o número espantoso e desanimador de verbos irregulares; o uso ilógico e arbitrário de prefixos e sufixos; as complicações ortográficas.

Utilizando o número preciso das raízes mais internacionalizadas pelo uso corrente; adotando uma ortografia estritamente fonética; eliminando todas as exceções às regras; valendo-se duma quantidade limitada de sufixos e prefixos — viu Zamenhof, com indizível satisfação, que gramática e vocabulário pouco a pouco se derretiam em suas mãos até às proporções dum opúsculo de 36 páginas, em que cabem as 16 regras da gramática do Esperanto, algumas centenas de raízes e 36 afixos — isto é, todo o cabedal preciso para dar expressão aos pensamentos mais complicados que o cérebro humano possa imaginar.

**A USE** É O ORGANISMO ESTADUAL DE UNIFICAÇÃO SOCIAL, ORIENTAÇÃO DOUtrinária E REPRESENTAÇÃO JUNTO AO MOVIMENTO FEDERAL DO ESPIRITISMO. OS ESPÍRITAS DO ESTADO DEVEM VOLTAR SUAS ATENÇÕES PARA O MOVIMENTO DE UNIFICAÇÃO E COLABORAR COM ELE. ESTE É UM DEVER QUE NÃO É LÍCITO DESPREZAR-SE. O QUE É DIREITO DEVE SER TIDO COMO TAL, SE PREZARMOS NOSSA DIGNIDADE E NOSSOS PRINCÍPIOS.

# Aos visitantes de Pedro Leopoldo

Henrique RODRIGUES

Inegavelmente, os espíritos de Belo Horizonte desfrutam de uma situação mais vantajosa do que os outros confrades deste Brasil tão grande, em razão de sua maior proximidade de Pedro Leopoldo. Mas, a vantagem é somente essa, o que importa, outrossim, em responsabilidades maiores, "porque muito será pedido a quem muito recebeu". Entretanto, assim como "o hábito não faz o monje", o espírito poderá ir semanalmente às sessões do Centro Espírita Luis Gonzaga e de espírito só conservar o rótulo, ou seja, o hábito do monje. Há um *pequeno equívoco* no qual não poucos incidem, ao julgarem que o contacto com Pedro Leopoldo e o que ele representa, santificará a criatura, exonerando-a do trabalho da execução dos valores mais altos nos confrontos da vida mundana. O céu não é mercadoria que se compre à custa de orações e, muito menos, no formalismo do comparecimento religioso aos templos espirituais.

Quem vai a Pedro Leopoldo, pela primeira vez, não sabe de uma infinidade de "coisinhas" que não saltam aos olhos do observador turístico ou superficial. É comum portanto o aparecimento de certos desajustes que poderiam ser evitados, se os ocasionais visitantes guardassem uma certa cautela. Vejamos:

As sessões são realizadas às segundas e sextas-feiras, iniciando-se os trabalhos às 21 horas, sendo que pouco antes é promovida a formação da mesa. Normalmente, o término da reunião se dá entre 24 à uma hora do dia seguinte mas, em tempos idos, já assista a reuniões que terminaram por volta das 2,30 da madrugada. Após a prece é feita a leitura de um capítulo do "Evangelho segundo o Espiritismo" e algumas perguntas e respostas do "Livro dos Espíritos". Como vêem, embora o mentor espírita de Centro seja Emmanuel, os estudos observam a orientação de Kardec. Não há pois Emmanuelismo em Pedro Leopoldo e, quando isso surge, invariavelmente é promovido por algum visitante, que naturalmente julga assim render um tributo de admiração a Emmanuel.

Lembro-me bem de ter assistido a uma reportagem feita pela "Revista da Semana" na qual o promotor se interessava muito por fatos relacionados com o Chico e com Emmanuel. A resposta deste foi para que deixássemos de lado o que chamamos de "Chiquismo". Se queremos realmente agradar o céu e a terra, o "Emmanuelismo" e o "Chiquismo" deverão ser evitados. Quem conhece melhor os personagens de Pedro Leopoldo sabe como são recebidas intimamente essa mania espírita de ir dizendo: — "Chico, você é o maior!" — "Emmanuel, o sábio e o santo, etc..." — "Chico, guarde um pedaço do céu para mim". E é Chico pra lá e pra cá. E é bom Emmanuel pra lá, e outra vez pra cá. Quem assim procede, precisa compreender que está investindo o alheio, com uma responsabilidade muito grande.

Após a leitura dos pontos sorteados, inicia o médium o exaustivo trabalho de responder ao receituário, para o físico e para a alma, que ronda pela casa de 400 a 500 solicitações. Muitos acharão o número excessivo, embora seu irmão André Xavier atenda outro tanto por sessão, mas o caso é que cada visitante contribui para a "enchente" que, iniciando-se com a volumosa correspondência, que importa ainda no trabalho de resposta postal, engrossa com a remessa particular de outros centros circunvizinhos, para transbordar com a contribuição de pedidos dos presentes.

Um fulano vai a Pedro Leopoldo e, para provar aos amigos que foi, pede receita para o pai, a mãe, o cônjuge, os irmãos, os filhos, os sogros, os netos, os avós, os cunhados, os tios, os sobrinhos, os amigos. Resultado: vemos às vezes um cidadão, inocentemente, é bem verdade, soltar no "monte" de receitas do Chico um respeitável calhamaço. Não vou analisar aqui o cerne de algumas indagações, da mais variada natureza, pois muitos fariam rir um austero frade de pedra. Por meu intermédio, alguém já pediu para solicitar de Emmanuel sua interferência

num processo complicado de herança, a fim de ser beneficiado. Há confrades que, esquecidos de alicerçar um futuro melhor, insistem em pesquisar o passado, próximo ou remoto. E chovem as perguntas, verbais ou escritas, sobre as encarnações pretéritas. Os vaidosos acham-se os grandes do poder temporal. Conheço vários reis e rainhas, papas, generais, políticos, todos com respeitáveis bagagens históricas. Outros, descobrem sua genealogia kármica em santos e missionários. Há os contragolpistas, que se projetam no extremo oposto, isto é, são "obscuras reencarnações de humildes lixeiros, garis, lavadeiras, escravos, etc..." Não convençamos... O melhor é deixarmos essa psicose, principalmente quando ela dá trabalho ao próximo ou obriga o alheio a hipócrita atitude de quem concorda para não ser grosseiro.

Posso dizer, com base na observação que, 80% das solicitações feitas é pura viciação, e que, somente 20% representam urgentes e reais necessidades. Em razão dos 20% de necessitados, o médium carrega o contrapeso dos 80. A maioria, uma vez com a receita no bolso, para seus males físicos ou morais, conserva-se absolutamente no mesmo tamanho de conduta. Nem toma o remédio solicitado, nem segue o conselho recebido.

Enquanto o médium atende a esse expediente, um outro vai tendo curso, isto é, o desdobraimento, o estudo dos pontos sorteados, que é feito pelos componentes da mesa e, ocasionalmente, por elementos da assistência. Já houve sessões de 5 horas, mas, normalmente, é 3,30. É necessário encarecer a transcendental importância desse trabalho da forma e de quem o executa. É ele que forma o ambiente vibracional. Em certas noites, com elementos capazes de falar *substanciosamente* durante uma ou mais horas, a tarefa não é tão pesada. Mas em certas ocasiões, a ausência de confrades conhecedores do "métier", sobrecarrega um abnegado que durante horas se esforça para manter o equilíbrio mental dos assistentes, e assim não tornar mais pesada a tarefa do médium, já por si só ingente.

Não é fácil falar em Pedro Leopoldo. Aí vai um aviso aos oradores. Pelo destaque conseguido, a assistência é invariavelmente heterogênea. Católicos, protestantes, ateus, espíritos, umbandistas, teósofos, padres, pastores, médicos, engenheiros advogados, escritores, cientistas, filósofos e religiosos, numa vastíssima gama de credos, profissões e disposições, agrupam-se em torno da mesa retangular do Centro Espírita Luis Gonzaga. Para não comprometer o Espiritismo diante dos que nada sabem desta doutrina, é preciso cuidado para não dizer tolices, não patentear ignorância de coisas elementares. É ainda justo evitar os naturais choques ou ressentimentos espirituais, não menosprezando nem atacando método, ritual ou norma religiosa. Alguns, entretanto, têm acentuada vocação para, por exemplo, ter considerações desprimorosas sobre a Igreja Romana, aos padres e profiteiros.

Não é preciso ser sensitivo para observar a "baixa" do padrão vibratório, e o maior esforço do médium. Quem assim procede, melhor faria se ficasse calado. Também contraria a orientação do mentor espírita, aquele que leva para Pedro Leopoldo suas fobias e idiosincrasias por este ou aquele aspecto do Espiritismo, pretendendo que ele seja isto ou aquilo, que o corpo do Cristo tenha sido fluido, plástico ou carnal. É de bom alvitre usar o tato psicológico quando pretendemos alcançar a iluminação dos outros, procurando não azorregar, para não provocar a natural atitude de defesa de quem é agredido. Pode-se mostrar o melhor, sem necessariamente investir contra o pior. O útil não agride o inútil, substitui-o. Resta ainda que nos capacitemos de que tudo o que é ou existe feito por Deus, e, como tal, tem uma razão de ser.

Muitas vezes, com a nossa habitual imprudência e ignorância, investimos contra algo essencial. É bom também que o orador se guarde de elogiar o médium durante os trabalhos: isto o perturba, pois quase sempre tal procedimento corre por conta da falta do que falar. Se o assunto acabou, se colaborou 5 minutos, não importa o tempo. Nem sempre o melhor é o que falou mais, e sim, o que disse mais em menos tempo. Há gente que se perde em elogios ao Chico, em contar vantagens e monótonos acontecimentos de sua vida particular, e numa falsa atitude de modestia, arenga em dizer-se o menor, o incapaz, o destituído de predicados para falar. E vai falando... criando com isso "um vácuo" no ambiente, porque não está dizendo nada, e as mentes presentes, encarnadas e desencarnadas, rapidamente se projetam nos mais variados, desencontrados e antagonísticos pensamentos, geradores de vibrações contrárias ao trabalho que ali se faz. É dizer que há tanto aspecto atraente, substancial, atual, dentro do Espiritismo, ricos em ensinamentos de valor para a vida em nossos dias!...

A assistência desempenha outro importante papel, e chamo a atenção dos que se dizem espíritos. Aquêles que não sabem falar, pode ajudar e muito, conservando-se em precioso silêncio, orando por aqueles que, não sendo espíritos, emitem autênticos jatos de zombaria, de impertinência, de curiosidade malsã, que dificultam o trabalho do médium e dos oradores. Todos devem ajudar, e essa é uma forma de valiosa colaboração. É lastimável verificar que pseudo-espíritos se levantam com ruído durante a sessão, conversam em voz alta, murmuram, cochicham, recolhem, passando entre os membros da mesa, as garrafas com água previamente postas para fluidificação. Ao convite para passarem à sala de passes, levantam-se intempestivamente, numa indecisa atitude para com quem está falando. Ainda aqui, pela necessidade de 20%, é necessário carregar o péso de 80.

Em geral, quem vai a Pedro Leopoldo pela primeira vez, faz "cabelo, barba e bigode", isto é: tira receita, precise ou

não, para si e todo mundo, leva água para fluidificar, toma passes, enche o Chico de elogios, entoa hosanas a Emmanuel, colhe o autógrafo do Chico em livros que compra e depois encosta sem ler, leva uma flor da mesa, às vezes tira fotografias, sai falando macio e com a alma leve por descarregar, no pobre médium, o péso magnético das mazelas morais, na troca inocente de abraços.

Quanta coisa trágica e cômica nos desvãos de Pedro Leopoldo, do Centro Espírita Luis Gonzaga, de Francisco Cândido Xavier e de Emmanuel...

E a ronda dos golpistas? Um dos mais inocentes é este.

Em qualquer lugar deste Brasil é programado um festival, comemoração, inauguração, e alguém, precisando impor prestígio, vislumbra tal oportunidade pela leitura pública, durante a solenidade, de uma página de Emmanuel, se possível, que aluda diretamente ao trabalho do "dirigente". Arquiteta-se o golpe. O cidadão vai ou manda um emissário e, durante o receituário, no alto de uma folha de papel, escreve:

"Fulano de tal: rua, número e cidade". E logo a perguntinha:

"Qual a orientação ou o que acha do trabalho que estou executando ou que pretendo concretizar?"

Nitidamente é gente que quer "chuva no molhado". A resposta é uma só, variando apenas nos termos: Todo mundo está sob a égide de Jesus! Todos são exortados ao bem, ao trabalho, ao amor ao próximo. Qualquer empreendimento honesto terá sempre o auxílio do plano invisível, espiritual ou semelhante!

O cidadão que recebe tal resposta acha-se um privilegiado, que é só ele, pretendendo fazer crer aos outros sua investidura especial de missionário. Não percebe ele a ressalva final. "Que Jesus nos abençoe".

## NOTA DA REDAÇÃO

Transcrevemos acima, com muito prazer, o artigo que o Sr. Henrique Rodrigues, de Belo Horizonte (Minas Gerais), publicou em o número de janeiro na Revista Internacional do Espiritismo.

É artigo oportuno e, de um modo geral, vem completar e confirmar o que um dos nossos companheiros de redação publicou em o último número de "Unificação" sobre Francisco Cândido Xavier.

O estudo do Teixeira de Paula, entre os aplausos que levantou, mereceu também protestos de alguns confrades que acham não haver nenhum mal em estar a gente sempre lá com o Chico, enervando-lhe a paciência cristã e embarcando-lhe a missão com a própria presença, nem sempre convidativa, ou com perguntas geralmente inúteis, infantis, incuas.

O autor do presente artigo toca também, embora de maneira indireta, num ponto importante que o confrade deste jornal ventilou: a heterogeneidade de pensamentos que perturba o médium. Escreve o Sr. Henrique Rodrigues que quem vai a Pedro Leopoldo sai de lá "falando macio e com a alma leve por descarregar, no pobre médium, o péso magnético das mazelas morais, na troca inocente de abraços".

E por isso que o Teixeira de Paula falou em "ionização de ambiente" como recurso de proteção dos Espíritos ao nosso médium. Ionização é um ato de arrojamento para que os "princípios mentais de origem inferior não afetem a saúde física dos colaboradores encarnados", na definição do Espírito do sábio Alexandre de André Luís.

Ambos os articulistas dizem verdades que nem todos gostamos de ouvir. Mas é necessário. Oxalá as aproveitemos — é o que mais nos importa. O Céu ganha-se com sacrifício e renúncia e não com misticismos improdutivos.

## Pensamentos Esparsos

Há um tinido superior ao do diáfragma: é o do esforço que devemos fazer para que, como viajores terrenos, possamos acender a lâmpada da boa vontade para a nossa sublimação interior.

—o—

Tolerar não é desculpar erros alheios; é procurar orientar os menos avisados para que não cometam novos erros.

—o—

O túmulo não é nenhum feiticeiro capaz de miraculoses: é o encontro de nós mesmos, sem subterfúgios e ilusões, com a nossa própria consciência.

A vanglória é como o viandante que pronuncia palavras por causa da secura de um terreno, em vez de cavar um poço para encontrar a água que lhe mitigaria a sede.

—o—

A verossimilhança não se cifra no conhecimento do que é verossímil, mas na adaptação das nossas necessidades às cousas aproveitáveis da Vida.

—o—

A utopia platônica é hoje uma cidade que vai sendo invadida pelos tanques de guerra do progresso humano.

# Introdução ao Estudo do Espiritismo Experimental

R. PENÁ RIBAS

O Espiritismo é uma filosofia religiosa, baseada em fatos de observação e em fatos de experimentação — em fatos, por conseguinte, que se comprovam pelos mesmos métodos hodiernamente empregados pela Ciência.

Evolutiva por excelência, com um mínimo de princípios dogmáticos, a doutrina espírita caminha, sempre, paralelamente com os conhecimentos humanos, decalcando, sistematicamente, seus raciocínios sobre as conquistas científicas.

Em síntese, a filosofia espírita é, como diriam os escolásticos, uma ciência *in fieri* — um conhecimento em gestação, uma ciência embrionária.

Única no gênero, porque, contrastando com as demais religiões, alia a Ciência à Religião, a filosofia espírita será, futuramente, com a descoberta das leis que regem os fenômenos metapsíquicos, uma religião científica, ou melhor — uma ciência religiosa.

Porque, por paradoxal que pareça, qualquer que seja a ciência que se organize com os fatos espíritos, jamais poderá perder o caráter religioso. Pois é a própria natureza desses fatos *sui generis* que nos induz, fatalmente, à conclusão de que uma lei moral governa os destinos humanos, ligando espiritualmente o homem ao Criador do Universo.

Por outro lado, é evidente que o progresso do Espiritismo, como o de todo conhecimento humano, está inteiramente condicionado às pesquisas científicas, que se efetuarem no vasto campo da fenomenologia espírita.

Dada, porém, a natureza intrínseca dos fatos, o investigador que se aventurar a penetrar nesse misterioso labirinto de fenômenos maravilhosos, terá de colocar-se numa posição equivalente à do astrônomo, que, em diligente expectativa, aguarda serenamente a prevista passagem dum cometa, para registrar, em aparelhos de alta precisão científica, as diversas fases do fenômeno, sem, contudo, poder interferir diretamente no prodigioso *modus operandi* da natureza.

Mas, assim como o astrônomo, pelo fato de permanecer forçosamente adstrito às contingências dum observação fortuita, não fica imbuído de investigar os fenômenos, e de formular as leis que os governam, conforme comprovam as grandes descobertas astronômicas, da mesma forma, o pesquisador dos fatos espíritos, por não poder modificar à vontade o encadeamento dos fenômenos, não está impedido de demonstrar a autenticidade deles, nem, tampouco, impossibilitado de compreender as leis gerais que os regem.

Se é exato que, na maioria das vezes, as circunstâncias não favorecem à experimentação, no sentido técnico do termo, em compensação, o investigador dos fenômenos supranormais poderá, freqüentemente, efetuar uma observação *provocada*, e, até, uma observação *armada* com instrumentos registradores, que, em última análise, se equipara, em valor comparativo, a uma verdadeira experiência.

Além disso, casos existem em que, dentro de certos limites, o cientista pode modificar o curso do fenômeno, para verificar sua hipótese de trabalho, e isto constitui, sem dúvida, uma das características essenciais do método experimental.

Donde se conclui, pois, que o Espiritismo, quer pelos fatos que lhe são peculiares, quer pelos métodos que emprega, aproxima-se, por um lado, das chamadas ciências de observação, e, por outro, das ciências experimentais.

Força é confessar, porém, que, em virtude de singularidades inerentes aos próprios fatos, a investigação

científica dos fenômenos espíritos está, toda ela, crivada de insuperáveis dificuldades e de surpresas desagradáveis — surpresas e dificuldades que, por não terem sido levadas em conta, desmortearam, muitas vezes, até investigadores de grande nomeada.

É questão pacífica que o princípio de causalidade é o pólo magnético do método experimental — a base do raciocínio científico.

Das relações deduzidas do binômio *causa — efeito*, nascem as leis; das leis, os princípios, as ciências e as artes.

De acordo com os axiomas de causalidade, o raciocínio científico desdobra-se nos seguintes postulados clássicos:

1. Posita causa, ponitur effectus;
2. Sublata causa, tollitur effectus;
3. Variata causa, variatur effectus.

Aforismos esses, que, em vernáculo, assim se podem traduzir: Presente a causa, o efeito estará presente; suprimida a causa, suprimido o efeito; variando a causa, o efeito variará.

Tudo isso se nos afigura evidente, e, por conseguinte, parece não carecer de demonstração.

Entretanto, em desmentido a um dos princípios basilares do método cartesiano (1), nem sempre as coisas evidentes são verdadeiras. E' o que acontece, às vezes, com os axiomas de causalidade, que servem de bússola na aplicação do método experimental.

Conforma a crítica luminosa de E. Boirac, a respeito do determinismo dos fenômenos *criptóides* (2), só existe um estreito mecanismo de causa e efeito nos fenômenos mais simples da natureza, como os que constituem objeto da Mecânica. Em se tratando, porém, de fenômenos complexos, como os que pertencem aos domínios da Biologia e da Psicologia, os axiomas de causalidade claudicam freqüentemente, porque, aí, cada efeito depende, invariavelmente, não de uma, mas de várias causas interdependentes.

Nessas condições, os axiomas de causalidade deixam de ser verdadeiros e representam, apenas, normas de probabilidades.

Foi por isso que o sábio reitor da Academia de Dijon, em oposição aos postulados tradicionais, propôs, como princípio normativo para a investigação dessa categoria de fenômenos, de múltiplas causas, os seguintes preceitos:

1. Posita causa, non semper ponitur effectus;
2. Sublata causa, non semper tollitur effectus;
3. Variata causa, non semper variatur effectus.

Como corolário desses novos postulados, infere-se, imediatamente, que a causa dos fenômenos pode estar presente, pode ser suprimida e pode variar, sem que por isso o efeito esteja presente, ou seja suprimido, ou varie concomitantemente.

É lógico que esses paradoxos da causalidade só se justificam pela interdependência de causas, existentes nos fenômenos em que aparecem.

Mas foi por não atentarem nessa particularidade que muitos homens de ciência cometeram graves erros, e praticaram lamentáveis injustiças, ao investigarem os fenômenos *supranormais* do Espiritismo.

Como, em tese, os fenômenos espíritos só se manifestam em presença de certos indivíduos — os médiums —, a maioria dos pesquisadores partiu da errônea premissa de que a causa das manifestações residia, toda inteira, nas faculdades biopsicológicas desses tipos anormais. Tipos patológicos, mesmo, para a maioria deles.

Sem desmerecer o papel decisivo do médium, é necessário ressaltar, *ab initio*, que há fenômenos espíritos que independem do médium, e que, por consequência, o médium não é a causa única dos fenômenos, como querem os metapsiquistas e os materialistas. E', quando muito, uma causa suplementar, um intermediário, que sempre indispensável. Mas é preciso considerar, outrossim, que, ainda quando necessário, o médium não governa os fenômenos, tanto assim que, muitas vezes, as manifestações se dão *contra* sua vontade, e, até, em detrimento dele, contundindo-o e ferindo-o, ou admostando-o, para corrigi-lo dum falta qualquer.

Para argumentar, escolho, por mera questão sentimental, dentre centenas de casos fichados, os fenômenos observados na casa mal-assombrada de Hydesville, que deram eco ao colosso movimento de opinião de que se originou o Espiritismo.

Segundo documentos da época (3), a casa, desde 1844, já era considerada mal-assombrada. Ruidos fantásticos, como passos de seres invisíveis, a caminharem durante a noite pela casa, "pancadas" inexplicáveis nos móveis, no soalho, no teto, nas portas e janelas — tudo já havia sido notado por duas famílias que lá moraram. Mas foi com a família Fox que os fenômenos adquiriram tal intensidade e causaram tantas contrariedades que a Sra. Fox encanecceu em oito dias! (4).

Como os fenômenos eram muito mais intensos em volta das jovens Catarina e Margarida, natural era se admitisse que alguma faculdade misteriosa houvesse no organismo das moças.

Por isso, quando a situação se agravou — de dia, uma multidão de curiosos, que não dava lazer à família, e, de noite, a vigília aterradora sob o bombardeio invisível — o casal Fox, já desesperado, não logrando eliminar os efeitos, pensou em afastar a causa: mandou Margarida para a casa do irmão, — Davi, e Catarina para a de Léa, sua irmã casada.

Mas, contrariamente ao que se esperava, os fenômenos não cessaram!

Em compensação, principiaram a manifestar-se, também, nas casas onde se alojaram as duas jovens.

Donde se conclui: *primo* que os fenômenos prosseguiram independentemente da presença dos médiums; *secundo* que a presença dos médiums, à maneira de certos catalizadores, excitou a produção dos fenômenos.

A inferência lógica desses fatos é que as moças não constituíram a causa exclusiva das manifestações, tanto assim que os fenômenos continuaram na ausência delas, mas, por outro lado, as jovens provocaram, separadamente, uma em cada casa, as mesmas manifestações já observadas na casa paterna, e, portanto, devem ser consideradas como uma causa *favorecedora* desses complexos fenômenos.

Como têm sido consignado em muitos outros exemplos de casas mal-assombradas (5), os fenômenos de Hydesville se efetuaram *também* na ausência de médiums.

Não obstante, é negável o caráter espírita daquelas manifestações. Foram as próprias "pancadas" misteriosas que revelaram sua origem, por meio dum alfabeto convencional: disseram que provinham dum pobre mascate, ali assassinado bárbaramente, e, em seguida, enterrado junto dum parede. Depois de duas escavações sucessivas, encontrou-se o esqueleto dum homem, exatamente no local indicado, confirmando-se, dessarte, o que afirmava o invisível autor dos ruidos.

Demonstrou-se, assim, a prática dum crime, ignorado por todos, pelo próprio depoimento do morto. Um caso tipicamente espírita, portanto.

E como as manifestações não se interromperam com o afastamento dos médiums — Margarida e Catarina — provado ficou, também, que *há fenômenos espíritos, que não dependem dos médiums*. (\*)

E como os fenômenos espíritos, quaisquer que sejam, são, sempre, *intencionais*, dotados, portanto, de *inteligência* e de *vontade* — vontade e inteligência, essas, que não promanam dos médiums, nem dos investigadores, porque freqüentemente os fatos se manifestam *contra* a vontade deles, força é que se admita a intervenção de entidades incorpóreas, extraterrenas, o que, como elas próprias afirmam, e tudo indica, são almas que já habitaram este mundo.

(Continua)

(1) Descartes, *Discurso sobre o Método*.(2) Émile Boirac, *La Psychologie Inconnue*.(3) A. Conan Doyle, *H. Espiritismo*.(4) A. Conan Doyle, *Opus cit.*(5) C. Flammarion, *Les Maisons Hantées*.

—:X:—

## (\*) NOTA DA REDAÇÃO

Pedimos licença ao nosso ilustre colaborador para discordar da sua afirmativa de que "há fenômenos espíritos que independem" de médium. Não há dúvida de que não fomos perder uma excelente colaboração por um único ponto que reputamos dissonante. Acerta-se a parte e aproveita-se o todo.

A nosso ver não há nenhum fenômeno que independa de médium, não só porque, segundo ensinamento de Allan Kardec, todos somos médiums *naturais*, mas também porque, se na consecução de um fenômeno não existe um médium *presente* — está ele algures. Além do mais os Espíritos, na produção de um fenômeno, se não se valem dos fluidos de um médium, presente ou ausente, valem-se sempre, esteja o médium presente ou ausente, dos fluidos humanos conjugados com os dispersos em a Natureza, isto é, dos fluidos universais, na denominação de Allan Kardec.

Como diz o Espírito de S. Luís a Kardec, um fenômeno se produz com o união necessária do fluido animalizado com o fluido universal. Ora o fluido animalizado pode ser de um médium própria-mente dito, como de qualquer pessoa — a qual, por emprestar, malgrado seu, os seus fluidos, não deixa de ser médium. E' um *intermediário* não desenvolvido e é por isso que se chama *médium natural*.

O nosso distinto colaborador, a quem não temos nenhum prazer em querer contraditar, ao fazer aquela afirmativa tinha em mente com certeza a possibilidade da produção de fenômeno sem o concurso de médium reconhecidamente tido como tal — uma porta aberta para a comunicação entre Espíritos encarnados e desencarnados.

Allan Kardec em *O Livro dos Médiums*, capítulo IV, indaga aos Espíritos (pergunta XV) se o Espírito pode atuar sem o concurso de médium. Respondem-lhe:

"Pode atuar à revelia do médium. Quer isto dizer que muitas pessoas, sem que o suscite, servem de auxiliares aos Espíritos. Delas haurem os Espíritos, como de uma fonte, o fluido animalizado de que necessitem. Assim é que o concurso de um médium, tal como o entendem, nem sempre é preciso, o que se verifica principalmente nos fenômenos espontâneos".

Já Camille Flammarion declarava que o "ser humano tem o coeficiente apreciável na produção dos fenômenos".

E o tem mesmo, seja médium, segundo o entendemos pela escola acadêmica, seja uma pessoa (*médium natural*), de acordo com a Doutrina, que apenas forneça, embora à sua revelia, os seus fluidos animalizados.

Mas não há fenômeno sem médium. Pelo menos assim o cremos convictamente.

# Lodge e a Sobrevivência

João TEIXEIRA DE PAULA

Sir Oliver Joseph Lodge, ou em bom português vernáculo, Sir Olivério José Lodge, nasceu em Penkhull (Staffordshire), a 12 de junho de 1851. Ensinou, em 1875, Mecânica e Física, no *Bedford College*, daí passou para a *University College*, de Londres, de onde foi para as Universidades de Birmingham e Liverpool.

A sua autoridade em Física, segundo o grande J. Maxwell, que lhe traduziu e prefaciou uma das obras, "era considerável". Já antes de Marcóni izeria, através de correntes de baixa frequência, experiências curiosas de telegrafia sem fio.

São mundialmente conhecidos os seus trabalhos no "domínio da Ótica, da Electricidade (tendentes às mesmas conclusões de Hertz), da física do éter (que anunciavam as teorias de Einstein), da telegrafia sem fio (onde ele imaginava a primeira regulação dos comprimentos de onda)" (1).

Foi cantor sempre jovem, não obstante a sua ancianidade, da Sobrevivência Humana. Dedicou-se, com devoção científica, aos estudos paranormais. Não era um místico nem tampouco um pesquisador de "boa fé", a quem um corriqueiro fenômeno ou o mais complicado deles pudessem perturbar. Antes era experimentador de cérebro, com o qual tudo pesava e media, do que de coraço, com o qual podia enganar-se nas conjecturas e ilações. Ernesto Bozzano chamava-lhe "il grande naturalista positivista".

Nas suas obras que delectam, ressumbra a sua fé na imortalidade e a sua crença na pluralidade dos mundos, principalmente (como é natural) depois que, a 14 de setembro de 1915, lhe morreu o filho Raymond na Grande Guerra. Acusam-no de só se haver interessado pelos assuntos supranormais depois do falecimento do filho. Maldosa invenção, pois que já em 1883 — conta-o ele próprio — se entregava a experiências de telepatia com o Sr. Malcolm Guthrie, que tinha à sua disposição dois sensitivos, modestos empregados de uma firma inglesa. Quando a Sra. Piper esteve na Inglaterra, Lodge fez com ela, em Liverpool (1889-1890), interessantes investigações no campo psíquico, que o levaram a acérrimas discussões com outros cientistas da sua ténpera.

Como muito bem acentua *La Revue Spirite* (2), essas datas reduzem a nada a gratuita pecha dos seus adversários.

Com Charles Richet, que lhe dedicava especial apreço, assistiu, em 1894, a algumas das célebres sessões de efeitos físicos de Eusápia Paladino.

Talvez se possa dizer que, entre os altos valores da Inglaterra que se entregaram aos estudos supernaturais, como Crookes, Myers, Hodgson, etc., etc., é Lodge um dos poucos que encarou com simpatia a Doutrina Espírita. Aliás é mais ou menos desta opinião o Sr. Gastone De Bóni ao escrever que Lodge "non solo accettò la casistica metapsichica, ma anche la intera teoria spiritica della sopravvivenza" (3).

Vamos passar uma rápida vista de olhos a excertos seus acérrimos trabalhos aqui e ali nas obras que temos à mão.

Em *Phantom Walls*, que lemos através de uma tradução italiana (4), discreta, tratando do interesse da humanidade por Religião:

"Se é exato, como propalam por aí, que as religiões vão perdendo a sua influência, não menos exato é que os indivíduos em geral demonstram vivo interesse relativamente aos problemas que dizem respeito à realidade de um mundo espiritual".

E' observador ponderado. Quem não lhe sente a veracidade da asserção? A angústia do ignoto, no *consensus omnium populorum*, numa citação do feiticeiro Eusébe Salverte, sempre dominou o homem. Essa angústia é um dos veros motivos do aparecimento de tantas religiões, seitas e doutrinas.

A Verdade — diz ele — "apresenta diversas faces: quando pensamos nos inumeráveis mundos e na sua diferente distribuição no Universo, somos obrigados a crer num impulso que leva a humanidade a cogitar de realidades mais importantes, a perceber que a transitória vida terrena não pode ser tudo senão um prelúdio que a levará a um grande fim".

Se — continua — cremos num Poder Supremo, ao qual, no afirmar daqueles que trabalharam e sofreram por nós, estamos submetidos e ao qual, tanto estes como nós, adoramos; se esse Poder Supremo criou a humanidade e a leva para um objetivo longínquo, embora luminoso, os nossos esforços devem trazer-nos encorajamento para que, através das forças divinas, a "vontade da Potência Superior se realize e dê frutos".

Deus obra sempre de modo ameno. E' fora de dúvida, proclama Lodge, que o Poder Supremo opera indiretamente sem exercer coerção, a qual, se "fosse exercida, o mundo hominal seria mais perfeito, como se pode dizer do mundo inorgânico ou mecânico, porém ele seria apenas uma máquina e não uma entidade espiritual". Mas nós não somos máquinas: possuímos uma "vontade livre e a faculdade de escolher, privilégio esse a que podemos atribuir as nossas dificuldades e os nossos fracassos".

Muito bem pósto. Realmente — diz também o nosso autor —, a "vontade divina não é a de tornar nada perfeito mediante coação, mas assegurar-nos uma espontânea cooperação, criando uma raça de seres inteligentes que, em parte, saberão do destino que os espera e farão o que lhes estiverem ao alcance para o desenvolvimento e a realização de plano preestabelecido".

Que firmeza de raciocínio!

Depois de se ter referido ao movimento de Hydesville, quando os Espíritos, de maneira simples, revelaram por intermédio inicialmente de duas meninas, as irmãs Fox, mártires do Espiritismo, uma faceta do mundo espiritual, pondera:

"As religiões naturalmente tudo fazem por manter uma atmosfera de fé. Elas podem reagir à invasão das experiências que se tentam nesse particular, as quais não obstante vão aumentando. O homem começa a compreender que se pode ter uma noção do assunto e está ansioso por aprofundá-lo mais".

E' o que estamos vendo no mundo inteiro: a ânsia de crentes de diversas religiões por conhecerem crença melhor e a ânsia de descrentes por terem uma crença que os oriente no caminho da Divindade e lhes amenize as agruras da descrença nas suavidades de coraço de alguma crença.

Em *Why I believe in Personal Immortality* (Por que creio na imortalidade da Alma), edição de 1929, declara, logo às primeiras palavras do prefácio, que são tão velhos como o mundo os argumentos a favor da Sobrevivência humana e os de que a morte não é senão uma passageira mudança de corpo: *Arguments in favour of human survival, or that death is mainly transaction, are as old as humanity*.

Torna aí a falar com carinho do seu Raymond e aborda temas interessantes como o da clarividência, premonição, psicometria, mediunidade, etc. Tem um capítulo inteirinho em que apresenta sete proposições a respeito da Imortalidade e outro em que estuda a realidade da comunicação entre vivos e mortos.

\* \* \*

Mesmo tratando de assuntos estritamente científicos, nunca descuidava da parte espiritual. Assim o fez em *Life and Matter*, que conhecemos pela tradução francesa de J. Maxwell (5). Procurou demonstrar erros cometidos por Haeckel, o conhecido materialista.

Haeckel, como um único exemplo para os leitores, escrevia ser verossímil que o processo biogenético da Terra fosse o mesmo que o de alguns dos planetas do nosso sistema (Marte e Vénus), bem como o de outros planetas de outros sistemas solares; que mais verossímil ainda é que, se aquele processo biogenético desenvolveu tipos de plantas e de animais superiores estranhos ao nosso meio, talvez também seres superiores que, pela sua inteligência e pela força do seu pensamento, estariam muito acima da bitola dos homens terrenos, provendam de uma origem animal, a qual, pela sua capacidade plástica, seria superior aos vertebrados.

A assertiva haeckeliana, que, pela sua essência espiritual, nem parece ser a de um consumado materialista, responde assim o nosso biografado:

"Com efeito isso é até muito provável e muito improvável é admitir-se o homem como o Ser mais superior de todos. Porém se o Prof. Haeckel está disposto a conceder-nos essa probabilidade ou mesmo essa possibilidade, por que exclui ele, tão energeticamente, a idéia da revelação, que queremos dizer, a idéia dos conhecimentos que provenhem de seres superiores? Os selvagens podem certamente receber dos homens civilizados uma espécie de revelação. Por que seria inconcebível que criaturas humanas possam adquirir conhecimentos de seres que lhes estão em grau de superioridade no Universo? Isso pode vir ou não vir ao caso, mas não vemos nenhuma razão científica para se dogmatizar a propósito de determinada coisa e, por outro lado, afirmar que ela é inconcebível".

\* \* \*

Em *Survival of Man (A Sobrevivência Humana)*, edição de 1909, o nosso ilustre catedrático se dedica às perquirições dos fatos psíquicos, segundo a orientação da Sociedade de Pesquisa Psíquica (*Society For Psychological Research*) e iniciando-as pela telepatia experimental. E' obra valiosa, já com numerosas edições. As suas quatro partes, com muitos subtítulos, abrangem uma introdução ao estudo das pesquisas psíquicas, como telepatia experimental, telepatia espontânea e clarividência, e automatismo e lucidez. Na última parte relata sessões que teve com a Sra. Piper, médium grandemente renomada.

A sua crença na Imortalidade é victiva. Ele próprio o confessa aí:

"Que o homem sobreviva à morte do corpo é convicção certa minha, baseada demais a mais numa longa série de fatos naturais. O presente livro permite ao leitor ter disso alguma idéia, que o autor considera pertencer às mais diretas e imediatas razões, graças às quais um dia a Sobrevivência será cientificamente provada".

## UNIFICAÇÃO

Órgão da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo — USE

Direção: DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE

CONSELHO DE REDAÇÃO:

J. Herculano Pires  
Luiza Pessanha Camargo Branco  
Luiz Monteiro de Barros  
João Teixeira de Paula  
Abraão Sarraf

Redação: Rua S. Amaro, 362 - Cr. P. 3.946  
Telefone: 37-8637 — São Paulo

Assinatura anual ..... Cr\$ 20,00  
Número avulso ..... Cr\$ 2,00

NOTICIÁRIO — Todos os órgãos da Use e entidades adesas devem enviar noticiário de suas atividades de maneira sempre resumida, bem informativa, sem comentários.

COLABORAÇÃO — Todos os confrades podem colaborar. Os trabalhos devem ser datilografados em dois espaços, numa só face do papel e não ultrapassar duas folhas do tamanho de ofício.

Impresso na LINOGRAFICA EDITORA  
Rua Almirante Barroso, 478 — S. Paulo

Interessante é notarmos como ele fala dos fatos psíquicos, aos quais chama de "naturais". Outros lhes dariam as mais extravagantes denominações e acabariam ainda talvez por negá-los. Ninguém quer saber de prosa fiada com fantasmas...

\* \* \*

Em *Making of Man (A Formação do Homem)*, que conhecemos em tradução da nossa Língua, encontramos páginas de esperança numa vida melhor no após-túmulo. Eis cá um trecho:

"O nosso destino final não é reconhecível através da nossa atual condição imperfeita. Os santos e profetas nos têm falado, ou nos deram sugestões, mas não os ouvimos. Estamos demasiadamente ocupados com bagatelas, que absorvem a nossa atenção; porém, algum dia o véu será alçado, não só para alguns, mas para muitos. Os que nos precederam na morte agora vêem o que nos escapa. Na outra margem eles nos estendem suas mãos auxiliaadoras e nos reservam um bom acolhimento".

Em *Raymond*, já traduzido também em língua portuguesa com o mesmo título, o nosso ilustre físico declarou abertamente, por mais de uma vez, com diferentes termos:

"Jamais ocultei minha crença de que a personalidade não só persiste, como ainda continua mais entrosada ao nosso viver diário do que geralmente o supomos; de que não há nenhuma solução de continuidade entre os vivos e os mortos..."

\* \* \*

Pondo um ponto final na catação excertuária, insignificatíssima embora, desejamos trazer para aqui umas palavras de Lodge, extraídas de *Phantom Walls*, palavras de fé e convicção, partidas de um catedrático, de um cientista, dignas de figurar no canhão de muitos espíritas, que, se não duvidam do seu destino, não o compreendem às vezes devidamente:

"Tenhamos coragem, pois que estamos apenas começando a pôr os pés no invisível, no campo inexplorado; já estamos tomados de grande esperança e, com essa mesma esperança e numa crescente certeza, caminhos para a meta final do nosso sublime destino".

Oliver Lodge faleceu em Amesbury (Wiltshire) em 1940.

\* \* \*

(Continua na pág. 4)